This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

SA 6060.28

Harvard College Library
In Memory of
Aleixo de Queiroz Ribeiro
de Sotomayor d'Almeida
e Vasconcellos
Count of Santa Eulalia
The Gift of
John B. Stetson Junior
of the Class of 1906

Qm 8
194

SYLVIO ROMÉRO

ETHNOGRAPHIA

BRAZILEIRA

ESTUDOS CRITICOS

SÔBRE

COUTO DE MAGALHÃES, BARBOSA RODRIGUES, THEOPHILO BRAGA E LADISLÁO NETTO

RIO DE JANEIRO
Livraria Classica de Alves & C.ª
46 e 48, Rua de Gonçalves Dias, 46 e 48
1888

APONTAMENTOS

PARA A HISTORIA DA LITTERATURA BRAZILEIRA

NO SECULO XIX

IV

ETHNOGRAPHIA BRAZILEIRA

TYP. DE G. LEUZINGER & FILHOS —RIO DE JANEIRO.— 8761

SYLVIO ROMÉRO

ETHNOGRAPHIA

BRAZILEIRA

ESTUDOS CRITICOS

SOBRE

COUTO DE MAGALHÃES, BARBOSA RODRIGUES, THEOPHILO BRAGA E LADISLÁO NETTO

Theophilo Braga
1889.

O Fernando Lantor.

RIO DE JANEIRO
Livraria Classica de Alves & C.ª
46 e 48, Rua de Gonçalves Dias, 46 e 48
1888

SA 6060.28

HARVARD COLLEGE LIBRARY
COUNT OF SANTA EULALIA
COLLECTION
GIFT OF
JOHN B. STETSON, JR.
Feb. 11, 1927

I

Couto de Magalhães e os selvagens brazileiros (*)

I

Quem não terá noticia das curiosidades que sobre os indigenas, ainda ha poucos annos, de toda a parte nos assaltavam.

A palavra *curiosidades*, que ahi fica, não exprime de modo algum que scientificamente notaveis descobertas nos tenham sido reveladas; refere-se ás abundantes inutilidades que então apanhavam-nos por todos os lados.

O romanticismo inane, desconhecendo a primeira palavra de investigações positivas já muito

---

(*) *Região e raças selvagens do Brazil*, pelo Dr. Couto de Magalhães, 1874. Memoria reproduzida n'*O Selvagem*, 1876. — Rio de Janeiro.

espalhadas, multiplicou as extravagancias e fez-nos do caboclo um ente formidavel e ridiculo!

Entretanto, lá fóra, nos Estados-Unidos por exemplo, o indio não era mais assumpto de poesia; tinha entrado plenamente no dominio da sciencia.

Nós outros por toda verdade tinhamos as exquisitices dos dilettantes, e as innocencias dos *Selvagens do Brazil perante a historia!* O poeta que escreveu esta memoria, encomiada ainda hoje, adiantára a serie dos trabalhos analogos, entre os quaes destacam-se as paginas do *Brazil e a Oceania* de um outro não menos complacente e apaixonado. Esses escriptos até agora ficáram impunes e dominam ainda a quasi totalidade dos nossos litteratos. Os enganos por estes produzidos dão a prova, e é para notar que o primeiro motivo debatido, isto é, o da inspiração indiana de nossa poesia, não tenha feito o mais leve progresso, e as cousas continuem no mesmo pé em que d'antes se achavam.

Na primeira lauda de nossa vida pensante, neste seculo, está inscripta essa questão e é muito dubitavel que se encontrem seis pessoas que lhe saibam do resultado. Nem a poesia levantou-lhe uma obra duravel que lhe assegure titulos de nobreza; nem a critica deixou um livro, um artigo siquer que lhe trouxesse a luz definitiva.

A *indio-mania* cresceu por fatalidade e acabou

por inconsciencia. Vulgarisou idéas incorrectas sobre os aborigenes que a sciencia ainda não corrigio entre nós. Essa poesia sublime de que erão dotados, sua meia civilisação tão promettedora, a theologia fecunda, resultado de suas cabeças bem formadas, todos estes levianos avanços para o erro, estão por ser desfeitos neste paiz.

Os grandes estudos anthropologicos e a critica religiosa desfizeram as trevas sobre aquellas inexactidões entre os que sabem pensar, e é bem certo que a sua luz não chegou até cá.

Si não temos idéas seguras sobre a maior parte das grandes indagações da sciencia contemporanea, não nos é licito a nós americanos, admiradores do tapuio, continuar a ser a nação mais atrazada sobre aquillo que constitue o nosso maior enlevo! E esta é a verdade. Aqui na America mesma, ha muito, as cousas mudáram de aspecto.

Os trabalhos de Morton, Nott e Gliddon, Stephens, Haven e Mayer, de Hartt, Maury e Fidel Lopes, adjuntos aos de Brasseur de Bourbourg, Leon Rosny, e L. Adam, indicam que outro já é o rumo por onde cumpre caminhar.

Mas é exacto que o patrio juizo sente-se agora tomado de enjôo sobre esse ponto; não é que achasse o segredo do assumpto e elle tivesse perdido o encanto a seus olhos. Sem um motivo grandemente racional, sem uma refutação inconcussa,

o caboclo foi desapparecendo das letras e hoje nem todos sabem onde elle se achará!...

O espirito publico molestou-se de ser levado para o absurdo, e voltou-se para outra parte sem um movel determinado, sómente pelo instincto da verdade. Ainda esta não foi-nos de todo annunciada scientificamente.

Nem o opusculo de que dou conta, mostra esse caracter em mui alto gráo. Sem duvida o seu autor quiz encarar o selvagem pelo moderno methodo e com as novas idéas; de certo ainda elle se mostra abalisado para o trabalho que emprehendeu. O seu livro não é, porém, um producto acabado, nem até um estudo convenientemente dirigido.

Pela leitura da monographia do Dr. Couto de Magalhães, e sómente por ella, ficar-se-hia bem perto do antigo terreno das velhas noções.

Não é menos exacto que para julga-la, é preciso conhecer um pouco mais do que aquillo que constitue a provisão scientifica de algumas classes que se julgam muito adiantadas em nosso paiz. Sem uma posse assás elevada dos ultimos avanços do espirito no dominio da anthropologia e da linguistica, da critica mythologica e religiosa, é um pouco arriscado pôr a mão em cima do livro de que fallo.

Seu nobre autor ha de ter lido as extravagan-

cias, que a seu respeito, apparecêram de varios pontos do paiz e deve-se ter incommodado. Alguns elogios traçados por quem evidentemente nada entende do assumpto, alguns palavrões grotescos por quem julga que a *phrase* desenxabida é a idéa, devem-lhe ter deixado uma impressão desagradavel. Não é para menos. Quem publica um livro para o qual despendeu grandes labores, quem atira á luz o resultado de um estudo reflectido e recebe o juizo desponderado do *folhetinista* esteril, tem estimulos para deixar de escrever neste paiz.

Não sei o que será mais proprio para dar a prova do estado pouco lisongeiro da vida intellectual dos brazileiros, si os raros phenomenos isolados de um ou outro producto no terreno da sciencia sem côr e sem vida, ou si os juizos, as sentenças absolutorias e elogiativas que arrancam do jornalismo incompetente.

Este ultimo symptoma parece de grande interesse para o diagnostico. Mas é tempo de abrir o livro do Dr. Couto de Magalhães.

Começa por umas paginas em que o escriptor depôz as suas observações e reminiscencias de viajante. São de algum alcance para a geographia; acho-lhes um certo ar de nobreza que faz amar as regiões de que nos fallam.

São pouco abundantes e o autor é benemerito das letras por ter poupado um grande sacrificio ao

seu leitor. Quero fallar da abstinencia que fez de toda a poesia impertinente, dos desvarios romanticos com que outro teria posto em prova o seu gosto de meridional.

De certo, descrever sertões, fallar das serras, das mattas em que o selvagem se agita, e não soltar as redeas ao corsel das falsas musas, é uma dignade que qualquer nacional não mostraria. Não é que o commedido autor não tivesse de longe em longe as suas tentações que bem se deixam presentir...

A parte geographica do livro não é fertil em grandes descobertas, nem tal ha sido o proposito principal da empreza; comtudo é a mais forte.

Descendo pelos assertos geologicos e, gradualmente, pelos anthropologicos e linguisticos, é licito parar aqui e acolá, fazendo algumas ponderações que a leitura desperta. Tanto quanto um espirito educado em uma das nossas faculdades de direito, sem estudos altamente especiaes, póde-se achar em dia com as questões que o assumpto requer, o nosso escriptor se acha.

Uma das suas theses estimadas é a de cruzamentos pre-historicos de nosso caboclo com alguma raça branca.

Não é nova; mas eis o que elle nos diz:— « ... existindo nas raças indigenas do Brazil vestigios de antigos cruzamentos com o branco, sobre-

tudo, entre os que fallam a lingua tupy, e não existindo nessa lingua os vestigios do sanscrito que se encontram no quichúa, segue-se que a raça branca aryana que com os Incas cruzou o tronco vermelho do Perú e America Central, não foi a que cruzou com os nossos selvagens. » *

Este periodo encerra tres pequeninas inexactidões... « não existindo vestigios do sanscrito ». O autor sempre que, referindo-se a Fidel Lopes, tem de fallar de misturas de linguas aryanas com o quichúa, ao bico de sua penna só chega o vocabulo *sanscrito*, como si as linguas aryanas fossem sómente aquella. O escriptor platino em seu pretendido estudo de *philologia comparada* não se limita a mostrar o parentesco da lingua dos Pirhuas só com o dialecto dos Vedas. Si o fizesse seria, pelo menos, incompleto. Elle não se esquece do zend, do gothico, do grego, do latim, e até do islandez, do saxonio, do lithuanio e do moderno allemão e inglez a par do sanscrito.

« ... que com os Incas cruzou... » O emprego exclusivo do termo *Incas* quando falla dos antigos habitantes do Perú não parece muito explicavel.

O philologo acima lembrado nunca usa de semelhante palavra para expressar as raças peruanas; em seu livro são abundantes... Quichúas, Pirhuas e

* Pag. 36.

Purhuas e não Incas, que foram apenas uma dynastia e a ultima de todas.

« ... do Perú e America Central... » Não! as raças do Perú foram mui diversas das da America Central... O nosso autor parece que não leu bem o Fidel Lopes; de outro modo teria notado a lucta que elle abre com Brasseur de Bourbourg sobre a cegueira que tem este de transportar as idéas do Mexico e da America Central para o resto do Continente!

Aquelle periodo não contém sómente os tres descuidos apontados que indicam a pouca dextreza do escriptor no manejo do assumpto.

Um ponto decididamente exquisito é este: « ...a raça branca aryana que com os Incas cruzou o tronco vermelho do Perú...» Si o ethnologo brazileiro admitte, como claramente o faz, a realidade de um ramo de população branca mesclada ás tribus selvagens do Perú, outro não foi senão esse mesmo dos Incas que não passáram, como ficou notado, de ultimos chefes da velha raça dos quichúas.

Parece que nunca será determinada a verdade sobre as migrações pre-historicas das raças peruanas; mas é mister algum esquecimento para fallar de Incas como de uma *nação*, e esta — distincta dos quichúas.

Não é tudo. « ... não foi a que cruzou com os

nossos selvagens... » E qual seria então esta? Não existe quem ignore que a ethnologia, a philologia e a sciencia das religiões entre as raças superiores só duas grandes familias genuinamente brancas reconhecem: — a aryana e a semitica.

Não foi um ramo qualquer aryano que por aqui passou, pois a lingua *tupy* não mostra vestigio algum das linguas indo-germanicas.

É o que sustenta o Dr. Couto. Perfeitamente; mas, ha de convir tambem que não foi nenhuma das da familia semitica, porque o *tupy* não tem parentesco algum com o hebreu, o arabe, o phenicio, ou qualquer outra lingua do mesmo grupo.

Os que não se acham em estado de resolver directamente si entre as tribus selvagens brazileiras existem amostras de cruzamentos pre-historicos com o branco, porque nunca andáram pelo grande *araxá* central, onde fervilha a grey cabocla, admittindo com o illustre viajante este facto, aliás pouco provavel, não vejo que outra sahida possam ter para o problema sinão essas mesmas raças aryanas que, dizem, se estabelecêram no Perú. E si os vestigios que na lingua ficáram são raros, é devido á pequena escala em que, talvez, se dera o acontecimento.

O monographista diz que na lingua tupy não se depáram vestigios do sanscrito; mas declara bem

alto que para a convicção dos resultados a que chegáram Fidel Lopes, Nodal e Brasseur *bastá saber lêr...*

Julgo ser isto muito pouco, pois o nobre escriptor, si houvesse pensado mais, teria se recordado que na singular obra *Les Races Aryennes du Pérou* se lêm cousas assim:

« Le nom que les tribus émigrantes donnèrent à leur nouvelle patrie fut Pérú. Pérú, en effet, veut dire en *sanscrit* l'orient, la mer, le soleil, les montagnes d'or; et désigne par consequent le pays situé à l'est de l'Inde, avec tous ses caractéres principaux. Aussi le même radical se rencontre-t'-il plus ou moins corrompu sur tous *les points du continent sud-americain:* Paraguay ou Parahuay, Veragua, Beragua ou Pera-hua, Paria, Parina, *Brazil* ou *Para-sil*, etc. »

Poderam-se-lhes juntar — Pará, Paraná, Paranaguá, Paraguassú, Parahyba, Pernambuco e cem outros.

Como explica o nosso ethnologo a presença de um radical sanserito, segundo o autor invocado, em nome de paizes onde se fallou o *tupy* ou guarany e não o quichùa? Ainda não basta.

Diz mais o interessante livro: « Comme expression de lumière créatrice, elle (a raiz *top*, *tap*, *tup*) entre dans une série de noms royaux et nationaux: Tupak-Amarú, Tupak-Yupanki, Tobas,

Tupys et mille autres que se donnent les *tribus* et les chefs de l'Amerique. »

O nosso autor, que conhece o tupy, deve saber que nesta lingua entra muito a raiz em questão, bastando lembrar-se das palavras *tupan*, *taba* e até do proprio nome da raça *tupy!*

O caso é para lançar na perplexidade o mais sereno dos espiritos. Quer parecer que si o autor das *Races Aryennes du Pérou* applicasse o seu methodo ao guarany e ao tupy transformava-os, de prompto, em outras tantas linguas aryanas.

E claro que as affirmações tão cathegoricas a que elle chegou não devem ser tão facilmente admittidas, como pensa o philologo brazileiro. O avesamento em abusar de certos processos linguisticos como methodo scientifico tem contribuido para o descredito dos estudos americanos a par do celebre *Livro dos selvagens.* (*)

Subscrevo de boa mente estas verdades proferidas por um naturalista: « Les systèmes édifiés de toutes pièces à l'aide des donnés de la linguistique, qui ne servent trop souvent qu'à prouver que ce que l'on veut et qui ne peuvent revéler ni la distance des temps ni la nature des événements, qui

---

(*) Veja-se um artigo de Max Müller sobre o Popol-Vuh de Brasseur em o seu livro — *Ensaios sobre a historia das religiões.*

ont produit les résultats constatés, ont souvent inspiré une légitime défiance. »

Por haver encontrado algumas semelhanças entre as linguas e doutrinas do Mexico e Guatemala e os idiomas e factos indo-européus, o abbade Brasseur foi achar naquelles paizes a sonhada origem das civilisações. Para o bom francez o Yucatan é o principio da vida, a grande origem, alguma cousa de analogo á *nebulosa* de Laplace, com que conta explicar as transmutações do pensamento. Até o velho Egypto, a patria dos hyerogliphos e do copta, esse martyrio dos philologos, lhe deve os seus mysterios!... É demasiado.

O escriptor platino encontra aryanos por toda a America do Sul: e infelizmente o Dr. Couto de Magalhães mostra-se pouco disposto a conter-lhe os exageros.

Não deve eximir-se, comtudo, da obrigação de explicar a origem *sanscrita*, entre outras, das palavras *Brazil* e *tupy*...

Ou deixa de crêr tão amplamente na theoria dos philologos, Lopes e Nodal, sobre a lingua americana que elles estudáram, ou chegará a aceitar que o tupy e o guarany têm tambem residuos dos idiomas indo-germanicos.

Porém, note-se, não creio que o quichúa ou qualquer outra lingua americana seja aryana; nem até que os povos que as falláram estivessem, em

remotas épocas, em contacto com as raças daquella origem. Aponto sómente a inconsequencia do Dr. Couto de Magalhães em jurar nas palavras de Fidel Lopes e não admittir a origem *aria* de muitas expressões *tupys!* Elle é significativo em sua opinião e declara o problema da mais instante importancia; da solução deste depende, a seu ver, a segurança a respeito da origem dos selvagens que povoáram o Brazil, ou, ao menos, dos povos que com elles se entrelaçáram.

Por maior que seja o comedimento que deva conservar, declaro que não é licito a um conhecedor exacto da anthropologia do indigena brazileiro a simples lembrança do problema: si o tupy é uma lingua aryana. (*)

(*) Fallo com as noções que actualmente possuo a respeito das populações aborigenes do paiz, e emquanto alguma descoberta inesperada não me venha pôr em estado de reformar minhas idéas. Recentemente os jornaes dão noticia de que o Dr. Antonio José Pinheiro Tupinambá vai publicar um livro que se intitula; *Analyse Philologica das Vozes Radicaes da lingua Ario-Tupy ou Idioma Tupinambá.* O tupy para este escriptor é uma lingua aryana; elle nos diz em seu prologo: « Para patentear as excellencias da lingua aborigene da minha patria, lingua inconvenientemente classificada pelos sabios entre as barbaras, porém que eu *provarei pertencer á familia aryana e ser affim do sanscrito, grego...* » Não é possivel aquilatar desde já do merito de semelhante escripto. O autor, pelo que se vê, pensa de modo diametralmente opposto ao Dr. Couto de Magalhães quanto ao tupy. Posteriormente o Sr. Appolinario Porto Alegre sustentou a mesma idéa do Sr. Tupinambá, e tambem o Sr. Carlos Hennig.

É certo que a philologia, mal interpretada e dirigida, póde offerecer certas apparencias que tragam a confiança na vista contraria. Aquella sciencia, porém, não é só por si um guia seguro para a filiação das raças humanas. Os trabalhos caprichosos de Fürtz e Delitzsch, entre outros, pretendendo provar a irmandade das linguas semiticas e das aryanas, são um exemplo que não deve ser esquecido do quanto póde uma idéa systematica quando revestida de formulas e de argucias linguisticas. Com referencia ao tupy, qualquer philologo, um pouco exercido na arte do sophysma, levando o seu leitor atravez de artificios, irá provar a sua inteira filiação ao grupo dos idiomas indo-germanicos.

Não será preciso grande esforço imaginativo, nem pôr em concurrencia avultadas provas de enganosas ponderações. (*)

(*) O leitor poder-se-ha convencer de quão fundada é a suspeita diante de alguns especimens que lhe offereço. Não ha mister de ir muito longe para a cousa mostrar grandes visos de possibilidade; abram-se o *Glossario* de Martius e o *Vocabulario Ario-quichúa* de Fidel Lopes. Reparem-se nas raizes, preffixos ou suffixos dos termos seguintes:

TUPY	SANSKR
Paraná ou *Pará*, mar, chuva.	*Plu*, *Plav*, ir, correr, chover, *navegar*. (Esta raiz tem derivados em R, e o *tupy*, como o quichúa, intercalla entre as duas consoantes uma vogal.)

Era bem possivel multiplicar exemplos, tomados ao acaso, e decidir-me pela these do *aryanismo* das linguas americanas. Mas são cousas que nada provam, além do facto da uniformidade das leis que presidiram ao desenvolvimento do espirito humano por toda a parte. Por aquelle methodo fôra facil provar o parentesco de todas as linguas do mundo. Para aquillo não é necessaria a descendencia dos selvagens patrios das nações indo-européas, nem tão pouco um cruzamento qualquer com ellas. Protestam a favor desta idéa as qualidades moraes do indi-

---

Tupan, *tupana*, Deus, trovão, raio, luz.	*Tap*, queimar, resplandecer, e *Pá*, pai, protector.
Neeng, fallar, responder.	*Nan*, fallar.
Tata, fogo, lume.	*Tap*, brilhar; *Tup*, *Tub*, ferir, roçar.
Monháng, fazer, obrar.	*Man*, pensar, executar, e *Vang*, ir.
Maem, attentar, examinar.	
Maenduaçaba, pensamento.	*Man*, pensar.
Ara, dia, tempo, mundo.	Tem a raiz que no latim formou — *arare*, *aratio*, *arator*, e no quichúa — Arakacha, arahua, ararihua, com o Suff. *xa* ou *cha*, do sanskrito *Ka*, *Kud*, altura, cume de montanha.
Araxá, planicie alta.	
Y ou *Yg*, agua.	*Ya*, agua, corrente; em quichúa Yahu.
Jucá, matar.	*Ij*, suff. *Ca*, acabar, derribar, derrotar, ou *Ka*, de *Kad*, prender, tomar.
Puir, afastar-se, retirar-se.	*Pat*, ir, marchar; R, ir, sahir.
Açyqüira, pedaço.	*Aç*, porção.
Mirim, pequeno.	*Mir*, destruir; *Um*, diminuir.

gena brazileiro, ou sua psychologia, e suas qualidades anatomicas e physiologicas, tão desaccordes das dos povos a que o querem referir. Entre outros factos, basta lembrar seu desconhecimento dos *metaes*, do pequeno cyclo do tempo — a *semana*, e a falta de *animaes domesticos*, dados todos estes de posse dos Aryás, muitos seculos antes de sua *dispersão* pela terra! Mas nem é preciso sahir do terreno da philologia para provar a disparidade do *tupy* e dos idiomas a que o pretendem filiar; ahi

---

Mitanga, criança, mamador.	*Matr*, alimentar, mamar. Donde em latim — mater; e em quichúa — *mamani*, chupar, mamar.
Apiaba, homem, varão completo.	*Ap*, ganhar, obter. Donde em quichúa *Apir*, chefe, senhor.
Mendar, casar; *mendara*, matrimonio.	*Ma*, laço, união; donde—*Mand*, ornar, suff. — *ar*, *ara*, muito commum no tupy e no sanskrito.
Uira-pára, arco de atirar flechas; *Uira*, flecha.	*Vira*, vara, canna.
Acanga, cabeça, *acangaatara*, enfeite de cabeça.	*Anka*, ornamento; *Ciras*, cabeça. Donde — Achan—Kara em quichúa.
Paya, pai.	*Pâ*, pai.
Ara, sol, dia.	*Ari*, primeiro, excellente.
Coaracy, sol.	A mesma raiz.
Tapacora, liga vermelha.	*Tap*, fogo, vermelhidão e *Hiranan*, fios de ouro; donde *Zaranan* em zend e *Kokori* em quichúa.
Iara ou *Igara*, canôa.	*Ia*, agua corrente e a raiz, donde *aratio* em latim.
Taba, aldeia, casa.	*Tap*, *Tup*, calor; em quichúa *Tapa*, ninho.

está a sua *grammatica* como prova severa de sua independencia.

Este signal tem todo o peso. « C'est que chaque langue est emprisonnée une fois pour toutes dans sa *grammaire*, elle peut acquérir, par suite des temps, plus de grace, d'élégance et de douceur; mais ses qualités *distinctives*, son principe vital, son âme, si j'ose le dire, apparaient tout d'abord complètement fixés. » (*)

Algumas semelhanças puramente etymologicas, tomadas ao diccionario, não são sufficientes para provar o parentesco das linguas; antes de tudo está a *grammatica*. Ouçamos ainda o mesmo escriptor, fallando dos meros encontros: « La plupart tombent sur des racines dont la ressemblance s'explique, soit par l'onomatopée, soit par des raisons tirées de la nature même de l'idée. » (**)

No que digo refiro-me particularmente ao tupy e ao guarany, deixando de apontar o que mais de perto se dirige ao quichúa e ao quichêe, que constituem dois problemas mais caprichosos e especiaes dos estudos americanos.

Não é que ache provadas as immigrações de

(*) *Histoire Générale des langues semitiques*, par Ernest Renan, pag. 470.

(**) Idem, ibid. pag. 447.—Recommendo todo este capitulo da obra citada aos amigos das *identidades* mais desaccordes.

Aryás imaginadas por Fidel Lopes e Brasseur; é que não fazem o objecto deste estudo.

Acho um pouco exquisito que o Dr. Couto de Magalhães, que abraça tão completamente as *theorias novissimas* sobre certas linguas do continente, não houvesse aceito, e mais facilmente, as affirmativas historicas do autor platino, ellas que são mais bem firmadas do que as doutrinas philologicas que as acompanham.

E' n'um erro historico que se manifesta bem onde se acham as raizes da repugnancia que mostra em admittir que os vestigios dos suppostos *cruzamentos com o branco*, existentes nos actuaes selvagens brazileiros, fôssem provindos dos pretendidos aryanos do Perú. É porque acredita que a historia do imperio civilisado daquelle paiz abrangia o diminuto periodo de 400 annos!

É o erro de Garcilazo refutado victoriosamente por F. Lopes, estribado em Montesinos, que tem muito mais peso do que o inexacto *chronista* peruano.

O Dr. Couto sabe bem que os Incas eram sómente chefes dos Quichúas e não uma nação; todavia não se eximio de escrever o seguinte: « O cruzamento dos *Incas* é um facto comparativamente *recente*. Com effeito, os historiadores são *accordes* em dizer que a historia dos reis do Perú abrangia

um periodo de 400 annos antes da descoberta da America. »

Não esperava lêr este periodo no livro do distincto ethnologo, e muito menos em uma pagina em que cita a Fidel Lopes!

Repetir o erro de Laet, que é quasi o mesmo de Garcilazo, é sorprehdente da parte de quem deve estar informado de que uma grande civilisação não se improvisa em 400 annos. Medite bem o escriptor o capitulo da *Races Aryennes du Pérou* que se intitula *Rétablissement des dynasties peruviniennes* e veja o que nos diz d'este pedaço: « la legende elle même n'osa pas lier l'histoire des Incas à celle des anciennes dynasties, jusqu'à Garcilazo, qui, en Espagne, altera la tradiction entière, lia *Sinchi-Roka* avec *Manko-Kapac*, *le deuzième Piruha*, et supprima d'un trent de plume *quatre mille ans de l'histoire du Pérou.* » *

O autor, que acabo de citar, considera a pretenção de explicar a civilisação peruana só com os Incas, a ultima dynastia, como explicar a civilisação européa só com Carlos Magno, sem metter em linha de conta Roma, a Grecia e o Oriente!

O Dr. Magalhães entende que as raças civilisadas do Perú fôram para lá *com os Incas* 400 annos antes da descoberta da America, e que

* Pag. 279.

Manko-Kapak, muito anterior, foi o seu primeiro chefe! Onde ficam a dynastia extensissima dos *Pirhuas*, que reinaram na época chamada a *antiguidade peruana*, e a dos *Amautas*, que figuram na sua *idade média*. Depois é que vieram os *Incas* nos tempos ditos *modernos*.

Já se vê porque é que elle considera os *brancos* que cruzáram com as raças selvagens brazileiras, anteriores aos Quichúas com seus *Incas*... Sem duvida, si aquelles cá vieram, deviam ter sido muito anteriores aos Incas, ultima dynastia peruana; mas não haviam de ser anteriores aos ditos *aryanos*, que, desde épocas altamente immemoriaes, se estabelecêram, conforme a hypothese de Fiel Lopes, naquella parte da America.

II

Para a explicação do estado particular de atrazo em que permaneceu até á descoberta do Brazil, e depois della, o nosso selvagem, devera ser tida em conta a sua posição entre as outras populações indianas do continente. Mas cumpre notar a falta de documentos *positivos* que nos tivessem restado de todas ellas. As raças indigenas da America não poderão jámais ter uma historia; não escreviam, regularmente, e os poucos monumentos do Perú, do Mexico e de Guatemala são insufficientes para tal

desideratum. As asserções dos sabios são meras conjecturas. Nem o phenomeno é estranhavel. Que sabe de positivo a sciencia européa sobre a historia das populações celticas antes de Julio Cesar? *

Ainda mais, que de definitivamente determinado conta a sciencia contemporanea sobre velhas populações altamente cultas, como as do Egypto, por exemplo? Hypotheses mais ou menos bem fundadas e nada mais. Reconhece-lhes alguma cousa capaz de provar notavel gráo de adiantamento; historia propriamente tal não existe. Basta lembrar os exageros de Hamilton sobre a patria dos Pharaós, que arrancáram a um sério espirito a seguinte exclamação: « *It is a shame that such non sense should be written in the ninetheenth century!* »

As differentes theorias explicativas da origem e do desenvolvimento das raças americanas estão bem longe de ter um apoio sério da sciencia. E a sua classificação é ainda incompleta por mais de uma face. É inexcedivel como prova de vacillação, até para aquelles que mais se têm empenhado no estudo do problema, a maneira porque explicam o genesis das idéas indianas.

Os philologos em geral, imbuidos da justeza das vistas que lhes fornece o estudo comparativo

---

* Brachet, Grammaire Historique de la langue française, pags. 34 e 35.

das linguas asiaticas, maximé as indo-germanicas, estudo que tem por base tambem a historia, aventuram-se a explicar semelhantemente as linguas americanas. Quando o digo, não quero taxar de absurdo o emprego do mesmo methodo ás linguas do nosso continente, longe dahi; refiro-me á idéa preconcebida de encontrar aqui na America justamente os mesmos tres typos de linguagem que é costume deparar na Asia.

A classificação das linguas desta região em *aryanas*, *semiticas* e *turanas* devida a Müller, poude algum tempo passar por firmemente estabelecida. Não o é tanto pelo que se diz do grupo das turanas que E. Renan, competente no assumpto, denomina engenhosa *hypothese* de linguista allemão. *

Admittidas as tres grandes ramificações da linguagem, cumpre observar que ellas correspondem a outras tantas ordens de idéas, tambem distinctas na esphera religiosa, politica, artistica, economica...

A philologia não deve esquecel-o: sempre que quizer, sem prova sufficiente, applicar a *triada* asiatica ao resto do mundo, no empenho de vêr reproduzidas as exactidões dos seus achado por lá,

---

* Histoire Générale des Langues Semitiques, pags. 493 e 494, e A. Ed. Chaignet — La Philosophie de la Science du Langage.

corre o perigo de falsificar a sciencia. É o que vai fazendo em larga escala para a America.

Para certa classe de escriptores, com toda a segurança, nem mais nem menos, as velhas populações do continente são *aryanas*, *turanas*, e ha tambem quem nos falle de cruzamentos *semiticos* como causa bem provavel.

A filiação dos povos de cada um dos grupos daquelles idiomas asiatico-europeus tem uma base, além da linguistica, na historia. Não assim na America, onde falta este elemento do moderno methodo.

É presumivel que, entre si cotejadas, as religiões, as idéas, as linguas das differentes tribus do Novo Mundo devam ser classificadas em grupos distinctos, que até certo ponto pareçam ter um parentesco qualquer com as do antigo continente. Não está elle positivamente provado. Uma cousa deve aqui ser dita: para explicar as differenças das familias americanas entre si, não é mister sómente procurar-lhes uma paternidade algures; é preciso observar tambem que as dessimilhanças podem ter sua raiz na simples *physica* das regiões que habitáram. De igual sorte, as similitudes, que de longe em longe mostrarem com as populações do velho mundo, podem ser filhas disso a que chamam os allemães o *factor humano*, aquillo que constitue o fundo mesmo da especie. Ha quem recorra ao

principio da *raça*, pára explicar as differenças de civilisações e doutrinas, em uma palavra, para dar o motivo de todas as variedades que apresenta o pensamento humano nos periodos primitivos da historia, e depois delles.

É uma theoria nascida com o romantismo e levada aos ultimos assentos do exagero. A explicação carece de prova. A lei invocada, como demonstração sufficiente, pede tambem uma razão que a explique.

É necessario um principio superior que, dando o motivo das dessimilhanças da religião, das idéas, da vida em summa, contenha a prova da multiplicidade das *raças*... Esta lei são as leis mesmas que a cosmographia descobre no mundo, a geologia na terra, e a anthropologia no homem.

A historia, a linguistica e a philosophia devem ser precedidas pelas sciencias physicas e naturaes, aconselham os competentes, sinão é sempre certo que desnaturam as idéas sãs sobre a humanidade.

Duas são as maneiras, mais espalhadas, de mostrar a origem das idéas e povos americanos — a de uma filiação com os asiaticos e a de um producto espontaneo do continente. *

---

* Sobre outros systemas de explicação veja-se—E. Dally, *Sur les Races Indigènes et sur l'archéologie du Mèxique.*

Este ultimo methodo não é destituido de peso, depois que Buckle explicou as civilisações do Mexico e do Perú do mesmo modo porque determinou as do Egypto e da India como *productos naturaes*. Os philosophos imbuidos das vistas de Darwin vão achar as inspirações dos povos primitivos na *physica* dos paizes que habitáram e até nestes a sua origem.

E a idéa que tende a predominar, *

Os dous systemas de provas têm a seu favor bem ponderadas razões; mas, tomados em absoluto e exclusivamente, offerecem mais de um embaraço.

Si é certo, de um lado, que se póde aceitar a probabilidade de uma transmigração pela chamada ponte *aleutica*, e que se notam encontros sobre as linguas e idéas das tribus americanas e as de alguns povos da Asia, não o é menos a falta das mesmas tendencias e, sobretudo, dos mesmos resultados.

Os povos americanos, quer os inteiramente selvagens, quer os meio civilisados, seguiram uma evolução totalmente desaccorde com a dos seus suppostos irmãos do velho mundo.

---

* Vide W. Draper, *History of the intellectual development of Europe;* H. T. Buckle, *History of Civilization in England;* W. Bagchot, *Physics and Politics; or Taughts on the application of the principles of natural selection and inheritance to political society.*

Os nossos ditos *aryanos* quanto distam dos de lá, e os *turanos* tambem!

Acima de outros argumentos, que seria possivel produzir, basta lembrar o facto, já ponderado, do desuso pelos verdadeiros selvagens americanos dos *metaes*, ao passo que os povos da Asia, desde as épocas mais afastadas os empregavam. Muito antes da separação dos aryas, elles e os semitas, nos altos centros do velho mundo, os conheciam... Prova convincente de que nossos indios não foram provindos daquellas regiões.

Os *polygenistas* estribam-se em factos taes e de certo não cumpre obsecarmo-nos por talvez menos estudadas apparencias. Quem não conhece os celebres *dolmens druidicos* com que a poesia tanto nos embalou e quem não sabe que nunca foram construidos pelos sacerdotes dos celtas? Hão sido encontrados na Europa toda, e até nas costas da Africa e no centro da India. O que prova esse facto? Uma lei geral: — O homem, sob as mesmas influencias de cultura, produz por toda a parte os mesmos resultados.

Não é necessaria uma só origem de todas as raças para explicar estas normalidades.*

Por outra parte, si é verdade que as *leis natu-*

---

* Lenormant, *Premières Civilisations*, I, pag. 79; Z. Moindron. *De l'Ancienneté de l'Homme* 2me partie, pag. 90.

raes sabem dar o movel das direcções que uma civilisação tenha tomado, e é exacta a falta de certos phenomenos caracteristicos entre os povos do continente, suppostos descidos da Asia, qual a ausencia dos *animaes domesticos*, tambem já referida, communs aos povos daquelle continente, como negar a filiação de algumas linguas, talvez, e a repetição de alguns factos identicos?

Sei que os estudos linguisticos da America estão bem longe de offerecer alguma cousa de analogo aos assertos scientificos de obras, como a *Grammatica comparada das linguas indo-germanicas* de Bopp ou a *Historia e systema geral das linguas semiticas* de Renan.

Os trabalhos archeologicos acham-se na mesma altura. No estado actual da sciencia, porém, é arriscado contestar no todo o facto das descendencias da Asia, que conta tantos defensores e affirmações tão cathegoricas, como esta: « we now know that the inhabitants of the north-east of Asia have at different times passed over to the north-west of America, as in the case of the Tschutschi, who are found in both continents. »*

É verdade que este caso póde não passar de um facto isolado.

---

* Buckle, *History of Civilization in England*, vol. I 99.

Ouçamos o que nos diz um dos mais francos seguidores de que o *homem americano é um producto do solo americano:* « Aujourd'hui même, des Indiens des contrées boréales communiquent bien, par exemple, avec les tribus sibériennes par le détroit de Behring, mais ne viennement jamais dans les prairies; les Indiens des prairies, quoique très nomades, et chassant sur des étendues de terrains considérables, ne descendent jamais jusque sur les plateaux mexicains; les Indiens du Méxique ne quittent non plus jamais leur sol natal, et ainsi des autres.

« Pourquoi, donc, tous ces Indiens auraint'ils autre fois tenté les migrations que l'on suppose, du détroit de Behring au detroit de Magellan? »*

Em todo o caso, quer se supponha uma só origem para toda a humanidade, quer se considere que a *especie* appareceu espontaneamente em varios pontos da terra, eu julgo que os dous systemas relativos a America, de que tenho fallado, não se excluem, antes devem caminhar unidos.

Aqui, como algures, deve distinguir-se a época das primeiras apparições do homem, nocturna, impenetravel, do tempo das transmigrações, mais positivo e melhor esclarecido. Na historia dos povos mais antigos, tão longe quanto é dado remontar

---

* *L'Homme-Américain*, par L. Simonin. pag. 11.

no dominio de suas tradições e conjecturas, sempre acha-se uma população primitiva, *autochtone*, occupando as regiões para onde as suas marchas os conduziam. Este facto perdeu toda a possibilidade de ser posto em duvida pelo estudo das migrações dos cuschito-semitas e dos aryanos do antigo centro em que viveram, provalmente unidos, no plató de Pamir para o occidente e sul da Asia e para Europa.

É esta a lei: — sempre a presença de ignota população, qualquer que possa ter sido o concurso posterior de novas raças.

Na alta antiguidade do Velho Mundo, tão longe quanto é dado aprecia-la, sempre as nações emigrantes encontráram mais velhos habitadores nos paizes para onde se dirigiam. Cousa semelhante parece ir-se determinando para a America; tão alto, quanto sobe o pensamento nas antiguidades de aztecas e quichuas, sempre se nos deparam vestigios de uma raça anterior no Mexico e Perú.

Para os povos selvagens dos Estados-Unidos o facto guarda toda veracidade; são conhecidos os achados de Squier e Davis sobre os documentos pre-historicos do territorio da grande republica, dando avisos de uma população que devêra ser diversa das existentes no tempo da descoberta.

Acham-se, pois, largamente mesclados os povos de todas as regiões do globo, desde datas extre-

mamente remotas para ser ainda possivel o emprego de um meio exclusivo na determinação dos moveis de suas idéas e do problema de sua origem.

Na incerteza em que laboramos sobre as antiguidades americanas, é necessario, por alguns symptomas, admittir a existencia de uma população *originaria* do continente no periodo do homem geologico, transmigrações talvez do Velho Mundo em épocas posteriores, e, finalmente, algumas transmutações das tribus americanas entre si. *

Á luz destas idéas, que denunciam a incerteza dos estudos ethnographicos do velho mundo e a sua crescente obscuridade para o novo continente e para o Brazil, deve ser apreciada a monographia do Dr. Couto de Magalhães.

III

O nosso illustre viajante não tirou a limpo aquelles factos; nem o podia. É evidente a falsa segurança de que se acha possuido sobre o objecto de seu livro. O capitulo em que trata dos idiomas americanos o demonstra de sobejo; o escriptor gasta duas laudas em repetir umas idéas de Max Müller, já ultrapassado, sobre a classificação *morphologica* das linguas.

Note-se que das duas classificações apresen-

* *Types of Mankind*, by J. C. Nott and Geo. R. Gliddon, pag. 293.

tadas por este celebre professor, essa é justamente a que vinha menos ao caso na monographia do nosso compatriota.

É sabido, e elle o reconhece, que a simples apreciação morphologica não adianta para a filiação das linguas, quando é certo que idiomas de natureza intrinseca differente podem pertencer a um mesmo grupo e vice-versa.

As linguas semiticas e as aryanas, tão distinctas por sua grammatica e construcção intima, entroncam-se no grupo dos idiomas de *flexão*.

Por outro lado, o chinez, que o philologo allemão suppõe ser o laço que devêra prender os dous grandes ramos da familia turana, é *monosyllabico*, quando a classe a que pertence é *agglutinante*. São idéas na posse de todos hodiernamente.

Em um livro em que se procuram as relações de descendencias das raças e das linguas americanas, é claro que a divisão dos idiomas em *monosyllabicos*, *agglutinantes* e de *flexão* pouco tinha que vêr, uma vez que o seu illustre autor, buscando um alvo a que ella não se presta, não poude aproveita-la para mais nada.

Ei-lo que nos diz: « quando a anthropologia estiver mais adiantada, a linguistica, sua filha primogenita, ha de fixar regras de uma classificação

mais profunda das linguas... que ha de auxiliar a classificação da familia humana. »

Não duvido que o progresso almejado pelo escriptor venha a ter logar um dia; mas o que lhe não era licito esquecer era a classificação já existente dos idiomas em *aryanos*, *semiticos* e *turanos*. Sem duvida o nosso illustre viajante refere algumas vezes estas expressões; mas não tratou dessa theoria pela luz que della poderia tirar para o seu alvo.

Sua linguagem guarda uma certa côr obscura, aliás desculpavel nos escriptores que tratam de materias poucos firmes e onde a confiança não póde ser perfeita.

E, todavia, o nosso autor se expressa, ás vezes, com uma segurança que certamente não lhe póde assistir. Ponderando que a morphologia das linguas não é sufficiente para determinar-lhes o parentesco, assim se exhibe: « ... o facto de classificar-se o tupy e o guarany no grupo das linguas turanas não quer dizer que ella tenha o *menor grão de parentesco com as linguas asiaticas.* »

Concedido, quanto a argumentos tirados da simples apreciação morphologica; mas qualquer tem o direito de perguntar: será certo que absolutamente, por qualquer outra face, entre o tupy e as linguas turanas não exista affinidade alguma?

O philologo brazileiro falla categoricamente; onde os motivos de tamanha convicção?

As linguas *semiticas* são como as *aryanas* de flexão, são os dous grupos perfeitamente distinctos, mas, entre si e em cada classe, as linguas de cada um dos dous grupos não serão no todo parentas?

Ainda uma vez: quaes as razões do indianologo nacional para dizer-nos que o tupy não tem parentesco algum com o mongolio, o mantchu, o thibetano... porque?

A philologia não o tirou completamente a limpo, e não serão phrases improvadas que o decidirão certamente.

O livro de que dou conta não mostra qual a doutrina de seu autor sobre o genesis dos povos americanos; elle não declarou-se pelo *indigenismo* das raças do continente, nem pela sua *descendencia* da Asia. Ainda mais, não aventou sequer essa questão; entretanto, de longe em longe, as paginas de sua *Memoria* dão-nos fragmentos de um ar um pouco absoluto. Percebe-se, de prompto, que o nosso autor tem alguma idéa preconcebida que não delucidou em seu escripto, e que por vezes irrompe e se derrama sobre o papel, ou deixa-se ler entre as linhas.

Como que elle se acha nas condições prescriptas pelo sabio italiano: « Quando un sistema d'idée conquide la mente, questa corre il pericolo

de perdere la sua libertá relativa e de muoversi mai sempre in un'orbita da altri prescrita. »*

Toco ao ponto mais interessante do *Ensaio de Anthropologia*, o capitulo que se inscreve — *O Homem no Brazil.*

O autor diz-nos com a maior convicção: « é facto fóra de duvida que nossos selvagens erão já agricultores muitos annos antes da descoberta da America. »

Eis o caboclo brazileiro na sua maior parte atrazadissimo, sem monumentos, sem industria assignalavel, de posse da agricultura, sem ter sido aqui pastor, lacuna que o ethnologo explica pelo facto de ter elle atravessado aquelle estadio algures.

São estas as suas palavras confirmadoras deste ultimo acontecimento:

« Não ha o menor vestigio que esses homens tenham sido pastores, nem mesmo que tenham domesticado especie alguma zoologica brazileira. »

Mais adiante: « Essa raça já tinha vivido em outra região o tempo necessario para transpôr os primeiros periodos da barbaria. »

É notavel! Os membros do Instituto Historico deram neste ponto prova de alguma reluctancia, mas não foram mais bem avisados. Aceitáram erronea-

---

* Nicola Marselli — *La Scienza della Storia*, vol. I. pag. 397.

mente que os nossos selvagens fossem já agricultores, apontando como motivo da *lacuna* o não ter a região que habitavam *animaes* proprios á domesticação. O proprio Dr. Couto respondeu-lhes com vantagem, reconhecendo, todavia, que a objecção era séria!... Para elle a cousa não é porque os animaes não existissem, sim porque o estadio fôra em outras paragens atravessado. Admira como o anthropologista olvidou-se tanto de uma lei geralmente reconhecida: — sempre que as populações emigram levam comsigo as suas industrias, e entre ellas os seus animaes domesticados.

Importa um desconhecimento completo da ethnographia esquecer este principio, que não póde admittir contestação. Entre os aryanos e semitas quem ha ahi que ignore a generalidade do facto da posse dos mesmos animaes domesticos?

Não vio o nosso autor que, si os selvagens do Brazil houvessem em outra parte passado pelo periodo pastoril, teriam para sua nova residencia trazido os achados de uma tal evolução? Pois que!

Na viagem ter-se-hiam esquecido de tal adiantamento? Não é possivel.

Para o conhecimento exacto da posição das populações primitivas e selvagens, em differentes estados, é necessario consultar mais de uma sciencia. É preciso encaral-as pelo lado *psychologico*, além do exterior.

As differentes sciencias dão-nos variadas classificações de periodos porque o homem tem passado, segundo o ponto de vista em que se collocam.— A philosophia estabelece os tres grandes estados — theologico, metaphysico e positivo ; a critica religiosa, que abrange um espaço muito mais limitado, subdivide aquelle primeiro em outras tres épocas — a do naturalismo, a anthropomorphica e a monotheica; a historia industrial dá as idades do homem caçador, pastor e agricultor ; a sciencia do homem primitivo, mais limitada ainda, a idade da pedra e a dos metaes.

De todas estas classificações o nosso gentio occupa sempre a primeira phase, segundo os testemunhos mais bem fundados.

O Dr. Couto, sem prova bastante, no-lo dá no terceiro estadio da terceira classificação.

Elle proprio encarregou-se, porém, de refutar-se quando nos diz que ainda hoje, depois de quatro seculos, o indio e seu descendente são o vaqueiro por excellencia de toda a America do Sul ! Eis ahi ; depois de um tempo tão consideravel é que o descendente do caboclo é pastor ! Prova-o o Dr. Magalhães, quando falla deste modo : « elles (os americanos da Republica do norte) não podiam applicar o braço indigena senão na agricultura ou nas fabricas ; o indigena não se podia prestar a isso, porque por uma lei traçada pela mão

de Deus, e a que o branco esteve e está sujeito tambem, *elle não podia ser agricultor sem ter sido pastor ou caçador?* »

Para o ethnologo não é mister uma refutação mais severa do que esta: — basta citar as suas perplexidades, sinão as suas contradicções.

Elle que proclama que os selvagens conterraneos erão agricultores, como explica a ausencia de animaes domesticos, quando não indigenas do paiz ao menos das regiões em que passáram pela phase anterior?

Si vieram do Perú, por exemplo, porque não trouxeram a lhama, a vicunha e o guanaco?

O digno viajante póde dizer-nos com algum mysterio, « não era por uma aversão á arte de domesticar, e sim por outra causa! »

Qual é esta?

O selvagem patrio, por sua posição, quasi excepcional entre os povos americanos, é uma opportunidade para estudar ao vivo as primeiras evoluções das idéas no homem.

O selvagem, segundo Lubbock, é como o homem pre-historico.

O nosso autor devia ser tambem philosopho e não mostrar-se um simples curioso a traçar-nos *bibliographias* escusadas e a repisar-nos noções *linguisticas e geologicas* hoje possuidas por todos os espiritos de qualquer cultura! Porque, deixando o

lado meramente industrial e *exterior* do caboclo, não penetrou-lhe no amago das idéas, e revelou-nos alguma cousa extraordinario?

Suas asserções são ligeirissimas e sente-se que elle se acha fóra dos assumptos de sua predilecção.

Ainda assim, deu-nos este pedacinho, hoje vulgar, mas de uma verdade aproveitavel: « a idéa de um Deus todo poderoso e unico não foi possuida pelos nossos selvagens ao tempo da descoberta da America. » Isto é bom, accorda-se com as idéas da critica hodierna sobre a marcha evolucional do pensamento humano. O poeta Gonçalves de Magalhães tinha dado, havia poucos annos, o exemplo de escrever uma pagina extravagante sobre este assumpto, em um livro de supposta philosophia. O autor dos *Factos do espirito humano* pretendeu refutar um dito de Locke de que nossos indios não possuiam a idéa de Deus, e superabundou a proposito da theologia dos selvagens! São elles para o philosopho uns theologos por excellencia.

É que aquelle espirito, acabrunhado por uma educação romantica, desconhecia totalmente os achados da sciencia hodierna sobre o homem nos periodos primitivos. Seja-me dado repetir aqui o que eu já tinha dito em outra parte, ha muitos annos.

« Os selvagens de nosso paiz estavam no gráo de atrazo do homem geologico, o homem da idade de pedra. Não podiam ter uma religião que reco-

nhecesse um Ser Supremo. O contrario é desdenhar ou desconhecer os achados da critica moderna que assignala os differentes periodos da formação das mythologias, das religiões e da poesia. Umas tribus desgarradas pelos desertos e mattas, vivendo da caça e guerreando-se, e outras reunidas em pauperrimas palhoças, sem industria assignalavel, usando da pedra para utensilios, como o homem das cavernas, sem tradições, sem heróes, sem historia, não podiam possuir a noção da individualidade do Ser Superior, como não podiam ter uma poesia.

Estavam pouco além da época de puro naturalismo em que o terror faz crêr que as nuvens, os trovões (*tupana*), as tempestades, são seres terriveis que se combatem, entidades ferozes que se devem respeitar. »

A grei cabocla, encarada por todas as faces por que póde se-lo pela sciencia, á luz de idéas sãs e longe do influxo de certos prejuizos, achava-se em um dos mais remotos degráos da escala da civilisação.

Caçador, ainda hoje no seu descendente, nem siquer estava adiante daquella segunda phase do periodo fetichico, a idade da *astroiatria* de que falla Comte.*

Prova-o o seu culto do sol e da lua, *guaracy*

(*) *Cours de Philosophie Positive*, vol. 5.me

e *jacy*, ainda um pouco indeciso, é verdade. E' licito dizer que já havia passado a época do mais fluctuante naturalismo.

Demonstra-o o complexo de sua intuição do mundo accorde com a dos povos ainda no mesmo estado, um dos mais reconditos da historia onde é dado penetrar. Não cumpre sómente dizer, como fez o Dr. Couto, que o selvagem não fôra *monotheista*; é mister mostrar o que elle tinha sido.

É claro que não era ainda *polytheista* como talvez supponha o insigne indianologo.

Antes de concluir, podera pegar o fio de algumas idéas inaceitaveis que se nos depáram na obra do distincto escriptor, taes como o voto de uma continuação de cultivo do indianismo pelo orgão de nossa poesia.

Não o farei para não deturpar a intenção de vistas geraes sobre o indigena, que me propuz, deixando á margem tudo aquillo que parece secundario diante das linhas directas que teve tambem em vista o illustre observador.

1874.

II

Couto de Magalhães e a influencia dos selvagens no Folk-lore brazileiro

O Dr. Couto de Magalhães publicou em 1874 um opusculo sob o titulo *Região e raças selvagens do Brazil.* Este trabalho foi reimpresso em 1876, addicionado de mais duas partes, uma contendo um curso de grammatica tupy e outra constante de vinte e tres lendas ou contos indigenas com o original e traducção interlinear. A brochura primitiva foi por nós analysada no folheto *Ethnologia selvagem*, quanto á parte geral e anthropologica. Nada dissemos então sobre as pequenas referencias que o autor alli fez á nossa poesia popular; é o que vimos hoje reparar. *

O novo livro do Dr. Couto de Magalhães, sob o titulo *O Selvagem*, consta de tres partes bem distinctas, como deixamos dito.

A parte grammatical se nos antolha de pequeno alcance scientifico. Depois das grammaticas de An-

* O nosso folheto — *Ethnologia Selvagem* não é outro sinão o artigo atraz reproduzido n'este livro.

chieta, Figuera, Montoya, Vicenzio e outros, o estudo do nosso indianologo nem veiu preencher uma lacuna, nem agitar problemas novos.

A secção reimpressa, e que trata das origens, costumes e região dos selvagens, tem os defeitos que já uma vez lhe apontámos, e que não foram refutados, apezar de uma promessa solemne do autor. A parte que contém as lendas selvagens é que é preciosissima. Couto de Magalhães é benemerito das letras por esta secção de seu interessante livro.

Foi o primeiro escriptor brazileiro que colligiu os contos dos selvagens e os publicou no original.

E' inutil encarecer a immensa importancia de taes mythos primitivos, preciosos documentos para a comprehensão das religiões autochtones. Muitos desses contos passaram ás nossas populações christãs, como já dissemos, e vel-o-emos mais de espaço. *

Couto de Magalhães é sectario da idéa de Fidel Lopes e Charles Wiener de que a lingua *quichúa* é um indioma indo-germanico e que a lingua tupy, muito ao envez, nada contém que a assimilhe ao grupo das linguas aryanas e póde talvez ser considerada uma lingua turana.

Elle, comtudo, não se decide neste sentido. Taes estudos são ainda hoje muito pouco firmes ;

---

* Vide os meus *Contos Populares do Brazil*, e mais os *Estudos sobre os Cantos e Contos Populares do Brazil.*

ainda hoje apreciamos a singularidade de um Varnhagen e um Theophilo Braga, affirmando que o tupy é uma lingua turana, e de um Carlos Hennig, um Appollinario Porto Alegre, um Pinheiro Tupinambá, asseverando ser ella, ao contrario, um idioma ario....

A questão não está decidida, nem cremos que o seja pelo methodo que taes escriptores vão seguindo.

Não é isto para admirar, pois o debate quanto ao quichúa não está tambem resolvido.

E' uma cousa terrivel essa monomania de querer, á viva força de despropositos, descobrir parentescos e filiações no velho mundo para os indigenas da America. Em 1874 clamámos contra semelhante cegueira, e o Dr. Couto de Magalhães, promettendo-nos resposta do alto de sua sciencia, deixou-se ficar calado. Mas a cousa não é tão liquida, como elle talvez supponha. Dando conta da sessão de Luxemburgo do *Congresso Internacional dos Americanistas*, a *Revue Scientifique* de Pariz, de 13 de outubro de 1877, traz este pedacinho de ouro, depois de fallar de alguns trabalhos sérios alli apparecidos:

« Á côté de ces communications très substantielles, très interessantes, on voit figurer, sur le programme des séances, la mention de mémoires dont le titre seul est regrettable sur l'ordre du jour d'une assemblée sérieuse. Que penser tout d'abord

d'un mémoire intitulé : — le *Quichua*, idiome de l'ancien Pérou, est-il une langue aryenne ? (!!) Ce mémoire, il est vrai, avait pour but de démolir les *doctrines d'un certain* M. Lopez, sur *les races aryennes du Pérou*. Mais encore une fois, pourquoi perdre un temps précieux à s'occuper de telles *bellivesées ?* Le savant redacteur du *Ausland*, M. le baron de Hellwald, un des membres fidèles aux sessions du Congrès des Américanistes, avait appellé *robinsonades* les récits qu'on nous a donnés des prétendus voyages phéniciens dans le pays de l'Atlantide ; M. le professeur Blaise avait qualifié de *chinoiseries* les articles qu'on ne cesse de nous communiquer sur les voyages chinois au Mexique huit ou neuf siècles avant la conquête ; pourquoi M. Henry, dont l'érudition parait solide et étendue, s'expose-t il à voir son travail qualifié de *Donquichotisme*, en faisant pis que de batailler contre des moulins, en suant sang et eau pour enfoncer des portes ouvertes ? Ce genre de communications devait être reservé à un Congrès où *l'on mettrait en discution le problème de la quadrature du cercle et celui de la langue universelle.* »

Si isto é dito de uma obra refutatoria das idéas do *certain* M. Lopez, o que se poderá dizer da theoria do Sr. Barboza Rodrigues, que faz descender os tupis dos *normandos*, da do Sr. Varnhagen que os deriva dos habitantes da *velha Caria*, da

dos Srs. Porto Alegre e Tupinambá, que os fazem vir dos antigos *Aryas?* *

Nestas materias o melhor é seguir o exemplo do nosso unico americanista de senso e verdadeira illustração, o sabio Baptista Caetano, que tem estudado o guarany rude e tenazmente, a lingua em si, sem emmaranhar-se em theorias phantasticas de suppostos parentescos.

O Dr. Couto de Magalhães, que aceitou tudo quanto lhe deu a ler o *certain* M. Lopez, não foi estreme de alguma leviandade.

Não é só aprender mecanicamente uma lingua qualquer, selvagem ou não, á força de repetidas viagens entre os povos que a fallam, e, desprezando os thesouros accumulados pela critica européa, vir espantar o mundo com inesperadas revelações! O tempo das velhas correrias scientificas está passado. Somos hoje um pouco difficeis de maravilhar. Mas vejamos o que *O Selvagem* nos revela sobre nossa poesia popular. O Dr. Couto de Magalhães ahi mostra todos os seus meritos e defeitos. Os meritos cifram-se em haver-nos chamado a attenção sobre as nossas origens tupicas e em uma certa ingenuidade sertaneja em nos fallar das producções

* Vide do 1.º *Os Ensaios de Sciencia*, artigo sobre as *antiguidades amazonicas;* do 2.º *Origines touranniennes des Tupis-Caribes;* do 3.º artigo sobre a *morphologia guaranitica*, na *Gazeta de Porto-Alegre.*

anonymas; os defeitos — estudar pouco os factos, fragmental-os e confundil-os. Concentrado por demais em seu mundo selvagem, teve a cegueira commum a quasi todos os viajantes em paizes desconhecidos: — suppôr novidades verdadeiras velharias...

As suas observações a respeito da nossa poesia popular reduzem-se a ligeiras indicações sobre o caracter desta e a alguns considerandos sóbre as modificações da lingua portugueza no Brazil. Nada diz de nossas origens portuguezas e africanas; suppõe que quasi tudo nos veiu do caboclo. Ouçamol-o por miudo: « Aquelles que estudam esthetica dizem que nas linguas dos povos barbaros, muito mais laconicas e muito menos analyticas do que as dos povos cultos, as imagens succedem-se supprindo ás vezes um longo raciocinio. A poesia de nossos selvagens é assim: o mais notavel é que o nosso povo, servindo-se aliás do portuguez, modificou a sua poesia tradicional pela dos indios. Aquelles que têm ouvido no interior de nossas provincias essas dansas cantadas, que com os nomes de cateretê, cururú, dansa de minuanos e outras, vieram dos tupys incorporar-se tão intimamente nos habitos nacionaes, notarão que de ordinario parece não haver nexo algum entre os diversos membros de uma quadra.

« Lendo eu uma analyse de cantos arabes, tive

occasião de notar a estranha conformidade que havia entre aquelles e a poesia de nosso povo; o critico que os citára dizia: — para nós, que estamos acostumados a seguir o pensamento em seus detalhes, é quasi impossivel perceber o nexo das idéas entre as imagens apparentemente destacadas e desconnexas; para os povos selvagens, porém, esse nexo revela-se na pobreza de suas linguas, pela energia das impressões daquellas almas virgens, para quem a palavra falada é mais um meio de auxiliar a memoria do que um meio de traduzir impressões. Appliquei esse principio de critica á nossa poesia popular, sobretudo aos cantos daquellas populações mestiças, onde as impressões das raças selvagens gravaram-se mais profundamente, e vi que effectivamente, supprindo-se por palavras o nexo que falta ás imagens expressadas por elles em fórmas laconicas, revela-se um pensamento energico, ás vezes de uma poesia profunda e de inimitavel belleza, apezar do tosco laconismo da phrase:

« Consintam-me que eu analyse debaixo deste ponto de vista tres quadrinhas, ùma do Pará, uma de S. Paulo e uma de Mato-Grosso, todas ellas ouvidas entre milhares de outras, quando, nas longas viagens nos ranchos de S. Paulo, nas solitarias e desertas praias do Tocantins e do Araguaya, ou nos pantanaes do Paraguay, meus camaradas ou os tripolantes das minhas canôas mitigavam com ellas as

saudades das familias ausentes, ou as tristezas daquellas vastas e remotas solidões. » *

Eis ahi tudo quanto o Dr. Couto de Magalhães escreveu sobre nossa poesia popular. As tres quadrinhas, de origem tapuia, que elle compara aos cantos arabes e que foi colher nas solidões do interior, são de genuina importação portugueza!... Nós as ouvimos e colhemos na costa, em Sergipe, Alagôas, Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro, e Koseritz as colligiu no Rio Grande do Sul. Não ha quem as não saiba de cór. Eil-as:

« Quanta laranja miúda,
Quanta florinha no chão,
Quanto sangue derramado
Por causa dessa paixão. »

(Pará.)

« Pinheiro, dá-me uma pinha,
Roseira, dá-me um botão;
Morena, dá-me um abraço,
Que eu te dou meu coração. »

(S. Paulo.)

« O bicho pediu sertão,
O peixe pediu fundura;
O homem pediu riqueza,
A mulher a formosura.

(Mato-Grosso.)

* *O Selvagem*, pag. 79 da 2.ª parte.

Ora, pois; Couto de Magalhães julgava ter aportado a praias ignotas; o seu *selvagismo* levou-o a só vêr a côr vermelha de nossas canções. Elle illudiu-se: aquellas quadrinhas, communs a todo o Brazil, são de pura linhagem portugueza.

E' mister que o autor do *Selvagem* nunca tivesse siquer aberto o *Cancioneiro Portuguez* de Theophilo Braga, para escrever tanto palavreado esteril.

No *Cancioneiro*, a pag. 44, lê-se:

« Oh figueira, dá me um figo,
Oh figo, dá-me um agraço;
Oh menina, dê-me um beijo,
Que eu lhe darei um abraço. »

Á pag. 60, lê-se:

« O mar pediu a Deus peixes,
Os peixes a Deus altura;
Os homens a liberdade,
As mulheres formosura. »

Bem vê o leitor que são as duas quadrinhas brazileiras com rapidas differenças.

Quanto á outra, não vem directamente na collecção de Theophilo Braga; mas o seu estylo é

genuinamente portuguez, e no citado *Cancioneiro* encontram-se muitissimas analogas. Os nossos indianistas illudem-se ás vezes facilmente. Quem não se lembra dos casos de Alencar fazendo de *Mecejana*, Martius, de *Jeromenha* e o proprio Baptista Caetano, de *carapuça* — tres palavras tupys?! Couto de Magalhães exagerou nossas origens tupicas, como Celso de Magalhães exagerára as portuguezas. Prosegue elle: « Não cito estes exemplos como especimens de litteratura popular; nesse campo eu tenho em meus apontamentos de viagem elementos para escrever um livro; trouxe-os para mostrar o como, a par do cruzamento physico, a lingua e a poesia popular soffreram a energica acção do contacto dessa raça; si me fôra dado entrar na analyse das superstições populares do Brazil, o leitor veria que essa acção do cruzamento revela-se em factos moraes muito mais extensamente, do que a principio parece, a nós que raramente nos dedicamos a observar estas cousas; porque, como diz um escriptor, quanto mais communs os factos, mais difficeis de observarem-se. » *

O autor tem em geral razão nisto que acaba de allegar; mas de ordinario excede-se. Não tendo estudado nossas origens portuguezas, e menos ainda as africanas, tendo estudado sómente as tupicas, é

* Pag. 81.

levado a attribuir a estas muitos factos que lhes são estranhos.

Tratando das alterações que vae soffrendo o portuguez no Brazil, Couto de Magalhães faz as seguintes considerações que devem ser citadas integralmente: « Uma série de factos curiosos existem por estudar, a proposito das modificações que soffre uma lingua posta em contacto com outra.

« Ha um verdadeiro cruzamento, tal qual ha em uma raça posta em contacto com outra, e esse cruzamento da lingua é tão inevitavel, no caso da juxtaposição de duas raças, quanto é inevitavel, nessa mesma circumstancia, o cruzamento do sangue.

« E' por elle que as linguas soffrem as maiores transformações. O portuguez do Brazil está irremediavelmente modificado pelo tupy; e, ao passo que os annos se forem accumulando, essa modificação ha de cada vez ser mais sensivel, porque os germens modificativos são, por assim dizer, dotados de força propria e continuam a operar muito depois do desapparecimento da causa que, para nos servirmos de uma expressão physica, os infiltrou no organismo da lingua, que sobrevive. O mesmo dá-se no hespanhol do Rio da Prata, e presumo que se dará no Perú e nas outras colonias hespanholas, onde os cruzamentos europeus e indigenas se operam em grande escala. O operario inconsciente desta transformação é o povo illiterato. Os primeiros pro-

ductos destes cruzamentos de linguas são grosseiros; distinguem-se facilmente os elementos heterogeneos que entraram na composição. O mesmo dá-se com o cruzamento do sangue. Pouco a pouco, porém, os elementos se confundem; seus signaes caracteristicos desapparecem para dar logar a um producto homogeneo, que, não sendo exactamente nenhum dos dous que entraram na composição, participa da natureza de ambos. A cançoneta, que fica acima publicada * é um exemplo de um desses productos, onde já é quasi imperceptivel o cruzamento. Toda ella está em bom guarany moderno. No entretanto a rima e o metro são hespanhoes. Eu tenho colligido no Brazil numerosas cançonetas populares onde se nota esse cruzamento. Ora, ha nellas a mistura primitiva e grosseira, isto é: as duas linguas entram na composição, com seus vocabulos puros, sem que estes soffram modificação; um especimen curioso deste primeiro cruzamento é a seguinte quadra que ouvi muitas vezes cantada pelo povo do Pará:

Te mandei um passarinho,
Patuá miri pupé,
Pintadinho de amarello,
Iporañga ne iaué.

---

* O autor refere-se a uns versos guaranys, que vem no seu livro e que não citamos aqui, por não aproveitarem ao assumpto.

« Quer dizer: *Mandei-te um passarinho, dentro de uma caixa pequena, pintadinho de amarello, e tão formoso como você.* Comprehende-se bem que cançonetas assim em duas linguas simultaneas pertencem, ao periodo em que ellas eram igualmente populares. Pertencem, pois, ao primeiro, ao da juxtaposição e do igual predominio das duas raças. Pouco a pouco uma lingua predomina, e só ficam da outra algumas palavras que ou não têm correspondente na lingua que tende a absorver a outra, ou são mais suaves para o systema auditivo da raça que vae sobrevivendo. Como especimen deste segundo periodo citaremos a seguinte quadra popular do Amazonas:

Vamos dar a despedida,
Mandú sarará
Como deu o passarinho;
Mandú sarará
Bateu aza, foi-se embora;
Mandú sarará
Deixou a penna no ninho,
Mandú sarará.

« Finalmente, os vocabulos da lingua absorvida desapparecem na lingua absorvente, para não ficarem outros vestigios della sinão o estylo, as comparações, algumas fórmas grammaticaes e algumas alterações

de sons. São deste ultimo periodo as tres quadras que eu citei atrás, quando notei o facto da introducção de vocabulos e fórmas tupis no portuguez do Brazil. * Citarei, como pertencendo a este periodo, as duas seguintes quadras, que ouvi em Ouro Preto em 1861, as quaes me parece que encerram o mesmo systema de imagens da que fica impressa acima, apenas em um periodo mais adiantado de cruzamento:

Vamos dar a despedida,
Como deu a pintasilva;
Adeus, coração de prata,
Perdição da minha vida!

Vamos dar a despedida,
Como deu a saracura;
Foi andando, foi dizendo:
Mal de amores não tem cura. **

« Notam-se ainda hoje no Brazil estes tres periodos de cruzamento linguistico.

« Nas provincias, em que a população christã ainda está em contacto com a população tupy, en-

* O autor refere-se ás tres quadrinhas que acima notamos e provámos serem portuguezas.

** Neste gosto colhemos algumas quadrinhas em Sergipe e no Rio de Janeiro. — A impressão ahi é quasi toda portugueza. Vide meus *Cantos Populares do Brazil.*

contram-se versos compostos simultaneamente nas duas linguas; é o caso das provincias do Amazonas, Pará e Maranhão. Nas outras, especialmente nas de S. Paulo, Minas, Paraná, Rio Grande, ha uma verdadeira litteratura popular, um sem numero de canções no genero das ultimas.

« A musica, essa quasi não soffreu alteração. O paulista, o mineiro, o rio-grandense de hoje cantam nas toadas em que cantavam os selvagens de ha quinhentos annos atrás, e em que ainda hoje cantam os que vagam pelas campinas do interior. » *

Estas ponderações são exactas; não é só, porém, nas provincias que o autor viajou que o facto se repete; em todas as outras é elle uma realidade. Não é só, e isto escapou ao Dr. Couto de Magalhães e a todos os indianistas exagerados, não é só o tupy que vae transformando a lingua portugueza; são tambem muitos idiomas africanos falados no Brazil ha tres seculos e meio.

Eu colligi tambem provas disso, não só em uma multidão de termos africanos que nos passaram para a lingua popular, como em canções em que ainda uma lingua africana é empregada ao lado do portuguez. Ex.: —

« Você gosta de mim?!
Eu gosto de você...

---

* *O Selvagem*, pag. 142 e seguintes.

Si papae consentir,
Oh!, meu bem,
Eu caso com você....
Alê, alê, calunga,
Mussunga, mussunga-ê...

Si me dá de vestir,
Si me dá de comer,
Si me paga a casa,
Oh, meu bem,
Vou morar com você...
Alê, alê, calunga,
Mussunga, mussunga-ê...

Nestas duas estrophes o estylo, a intuição, as idéas são de inspiração africana, e o ritornello é evidentemente estropiação de termos da Africa. Existem muitos factos comprobatorios da influencia dos negros em nossos usos, canções, contos populares, lingua e no mais.

Vejamos ainda o que diz o autor do *Selvagem* sobre as alterações do portuguez brazileiro.

Elle sustenta, como vimos, que a lingua portugueza foi cruzada pelo tupy e diz que temos nada menos de mil substantivos tupys aportuguezados nos nomes de animaes, plantas, logares, etc. Passando aos verbos, declara que o professor americano Carlos Fr. Hartt enganou-se quando disse que em por-

tuguez só tinhamos um verbo de raiz tupica: — *moquear*; — temos muitos outros. « Citarei, diz Cóuto de Magalhães, entre outros, os seguintes: *espocar* (Pará) por arrebentar abrindo; *petequear* (Minas, São Paulo) por jogar; *entocar* (em todo o Brazil) por metter-se em buraco, ou figuradamente por encolher-se, fugir á responsabilidade; *gapuiar* (Pará, Maranhão) por apanhar peixe; *cutucar* (geral) por tocar com a ponta; *espiar* (geral) por observar; *popocar* (Pará, Maranhão) por abrir arrebentando; *pererecar* (geral) por caír e revirar; *entejucar* por embarrear; *encangar* por metter os bois no jugo; *apinchar* por lançar, arremessar; *capinar*, por limpar o mato; *embiocar* por entrar no buraco; *bobuiar* por fluctuar; *catingar* por exhalar mau cheiro; *tocaiar* por esperar, etc. » *

Ainda aqui vão alguns exageros de Couto de Magalhães: — *espiar* nunca teve raiz tupy; é genuinamente portuguez, e temos *spicio* no latim, *spioniren* em allemão, *épier*, em francez: é termo de raiz aryana, como aliás, já foi ponderado ao autor pelo Dr. Gustavo Dodt.

Canga e *encangar* são velhos termos portuguezes. *Toca*, donde vem *entocar*, me parece ser uma alteração de *loca*, *loch* em allemão, e entrar dest'arte no vocabulario portuguez sem auxilio do tupy.

---

* Ibid. pags. 76 e 77.

Quanto, pois, aos tres verbos: *espiar*, *encangar* ou *cangar* e *entocar*, é de suppôr que o autor do *Selvagem* se tenha enganado. Quanto a *catingar*, Dodt e Macedo Soares o fazem africano; Appollinario Porto-Alegre, Baptista Caetano e Beaurepaire Rohan o fazem, como o nosso autor, vocabulo de raiz tupica.

Sobre os grandes problemas do caracter e origens de nossa poesia popular, e sobre as alterações de nossa lingua, é quanto se nos depara no interessante livro — *O Selvagem.*

Ha alli, porém, umas paginas inestimaveis, que são aquellas em que o autor, como exercicios grammaticaes, traz os textos de vinte e tres lendas selvagens. O Dr. Couto de Magalhães tem pouco methodo em seus escriptos; mistura e embrulha as materias muitas vezes. No seu livro ha assumpto para tres obras differentes: o curso de grammatica; as observações ethnologicas sobre os indios; e a collecção de contos e mythos selvagens. O autor faria melhor em tratar com todo desenvolvimento tão diversos problemas e dar-nos tres livros em separado. As vinte e tres lendas colhidas por Couto de Magalhães, e de que nos deu o original e a traducção, vem a ser: — *Como a noite appareceu; o jabuty e a anta; o jabuty e a onça; o jabuty e o veado; o jabuty e os macacos; o jabuty e ainda a onça; o jabuty e outra onça; o jabuty e*

a raposa; o jabuty e ainda a raposa; o jabuty e o homem; o jabuty e o gigante; o veado e a onça; a moça que vae procurar marido; a raposa e a onça; a raposa e o homem; ainda a raposa e a onça; a onça e os cupins; a onça e o caminho da raposa: mais tres sobre *a raposa e a onça; casamento da filha da raposa; a velha gulosa.* — Estes contos passaram quasi todos para as nossas populações christãs; existem entrelaçados aos contos de origem portugueza e de origem africana, que correm de bocca em bocca entre as nossas populações do interior. Taes contos sustentam tambem a grande *luta pela vida* e soffrem adaptações aos meios.

E' assim que o conto que Couto de Magalhães nos dá da *onça e o veado,* que vão fazer uma casa, eu o colligi em Sergipe, na cidade do Lagarto, com algumas alterações, e, entre outras, a mudança de um dos personagens; o *veado* foi substituído pelo *bode.*

O povo mudou o symbolo da destreza indiana, o *veado,* por um animal mais seu conhecido — *o bode.* Assim se vae operando por uma raça a assimilação dos contos de outra. E' o que se dá na lingua e em tudo mais. *

1879.

---

* Cf. os meus *Estudos sobre os Cantos e Contos Populares do Brazil.*

III

Barbosa Rodrigues e a questão da pedra nephrite

I

O immenso barulho feito pelo Sr. Barbosa Rodrigues sobre o *muirakitan* ou *aliby* e a convicção nutrida pelo celebrado botanista patrio de haver firmado definitivamente, por meio desse artefacto indigena, a descendencia dos aborigenes brazileiros, de um povo asiatico, erão de natureza a despertar a attenção dos amigos dos estudos americanos.

E tal me aconteceu.

Tratei de munir-me dos escriptos ethnographicos do autor do *Sertum Palmarum*, e das publicações do seu inspirador, o conselheiro Henrique Fischer. Si as fantasias ethnologicas do escriptor brazileiro não têm a força de impôr convicções, o mesmo não se póde dizer da apparatosa erudição historica e scientifica do naturalista de Friburgo.

O problema, já de si espinhoso, já de si vago e excessivamente complexo, como quasi todas as questões ethnographicas, assume um caracter especial: — é um enigma archeologico addicionado a uma intrincada questão de mineralogia.

Fischer parece mover-se ahi a seu gosto e impôr silencio aos profanos. Pelo que toca ao Brazil, Barbosa aqui estaria para atirar os *muirakitans* em cima dos incredulos.

Felizmente o scepticismo é por demais resistente e não se deixa matar com qualquer arma.

A theoria fischeriana achou um destemido e competentissimo adversario na pessoa do Dr. A. B. Meyer, director do *Museu Zoologico-Anthropologico-Etnographico* de Dresde.

Além de publicações detalhadas nas *memorias* daquelle Museu, Meyer fez em março do anno passado uma conferencia sobre a questão da nephrite.

Esta conferencia corre impressa e chegou-me ás mãos. Quem a lê fica habilitado a conhecer o estado da questão. *

O mineralogista de Dresde combate as affirmativas de seu collega de Friburgo e as combate desapiedadamente.

(*) *Die Nephritfrage — kein ethnologisches Problem.*, A. B. Meyer. Berlin. 1883.

O fim que me proponho neste escripto não é só indicar as conclusões de Meyer, sinão tambem provar que o nosso Rodrigues nada adiantou á questão e nem della teve conhecimento antes de lh'o fornecer Fischer.

Que problema é esse? Perguntará o leitor, e é preciso responder-lhe desde logo. Meyer o faz nestes termos:

« Por questão da nephrite deve entender-se o seguinte: — Encontram-se em muitos logares, sobre quasi toda a superficie da terra, especialmente na America, Europa, Asia e Nova-Zelandia, objectos, taes como machados, amuletos, ornatos, e outros semelhantes, já enterrados no sólo, nas cidades lacustres, nas estações funerarias, já ainda em uso entre povos incultos ou civilizados, objectos de uma pedra muito dura, as mais das vezes verde, e cuja origem, em muitos casos, é obscura; porque até o presente só chegou ao nosso conhecimento a existencia de jazidas nativas do material bruto na Asia e na Oceania.

« Para a explicação deste facto formulou-se a hypothese de provirem da Asia conjunctamente os objectos europeos e os americanos, levados uns para a Europa quando para ali deu-se a immigração dos povos, e para a America os outros, quando foi ella povoada pelos asiaticos.

« A hypothese foi principalmente architectada

pelo professor Henrique Fischer — de Friburgo — em Baden, sendo aliás partilhada por muitos outros investigadores notaveis. »*

É isto. Os taes objectos são de *jade* ou *nephrite* —alguns, de *jadeite* — outros.

O encontro delles pela Europa e America era facto desde muito assignalado e de vulgar noticia. Até ahi Fischer nada tem que vêr; a sua originalidade está em prender a esses objectos um valor ethnographico, suppondo-os originarios da Asia, e levantando-os á categoria de testemunhos irrecusaveis do povoamento do Occidente por povos do Turkestan e de Barma. Verdadeira ou não a theoria, o nosso Rodrigues nada tem com ella:

1.° Porque quando vio os primeiros *muirakitans* suppôl-os de *quartzo* e de *feldspatho* e não de *jade nephritica* e *jadeite;*

2.° Porque suppôz existentes no Brazil as jazidas nativas do material;

3.° Porque não lhes descobrio interesse ethnologico ao modo de Fischer;

4.° Porque só muito mais tarde começou a partilhar as idéas do escriptor allemão!

Estes pontos devem ser esplanados um a um. Para maior clareza, tomemos as quatro theses na ordem em que foram enunciadas. A primeira vez

(*) *Nephritfrage*, pag. 3.

que o Sr. Barbosa Rodrigues fallou nos *muirakitans* foi em 1875 no *Relatorio sobre o rio Yamunda*. Neste folheto lê-se á pag. 55:

« Os *muirakitans* ou pedras das Amazonas, que tenho visto, têm todos elles uma côr amarellada como a do unicornio, esverdeada, verde-escuro, azulada, ou branca leitosa. São opacos e lustrosos. São de um *feldspatho* laminar os verdes, e de *quartzo* os brancos. »

Isto é claro; mais ainda temos maior clareza no que se vai seguir.

Á pag. 58 lê-se: « Os (*muirakitans*) que actualmente usam estes indios (*Uaupés*) são da *mesma rocha*, *quartzo*, dos que tambem usavam as Amazonas, que não tinham *só os de feldspatho*, ou pedras verdes, pelo contrario, pelos que existem e se encontram soterrados, os de *quartzo* erão mais vulgares. Tive occasião de comparal-os, nenhuma differença apresentam os dos *Uaupés*. »

Passando a identificar a tribu dos *Uaupés* á das antigas *Amazonas* ou *Icamiabas*, assevera o nosso naturalista: « usavam ellas zarabatanas, elles tambem as usam, e se não fabricam os seus *muirakitans* de *feldspatho*, é por não haver no logar em que hoje habitam senão *quartzo*.»

Si passarmos do *Relatorio sobre o rio Yamunda* para os *Ensaios de Sciencia*, teremos a confirmação

das antigas idéas do Sr. Barbosa sobre os *muirakitans*.

Em 1876 escrevia elle no 1º numero dos *Ensaios de Sciencia*, pag. 121 :

« Os (*enfeites*) de que até hoje temos noticias, são os denominados pelos naturaes *muirakitans*, que os indios Cunurys chamavam *aliby*. Toda a tradição, quer escripta, quer fallada, dá a sua procedencia de uma tribu que desappareceu, que nunca foi vista, a que Francisco Orellana appellidou *Amazonas*.

« Tive occasião de me certificar de que erão usados por esssa tribu, nas excavações que fiz, quando descobri o logar em que existio a dita tribu. Hoje são rarissimos esses enfeites, e delles deixo aqui de tratar, por tê-lo feito com algum desenvolvimento quando descrevi o rio Yamundá.

« Uma tribu ainda hoje usa tambem de enfeites de pedra ao pescoço (*chirimbitás*), é a dos Uaupés, do Rio-Negro, que quanto a nós é a *mesma das Amazonas*, como já tive occasião de fazer vêr quando dellas tratei. Erão estes enfeites de um *feldspatho laminar*, verde, pelo que foram conhecidos por *pedras verdes*.

« Os indios hoje quando acham alguma soterrada, attribuem-lhe virtudes milagrosas, de maneira que substitue o *amuleto antigo*, com o qual tem muitos pontos de contacto. Os chirimbitás dos Uaupés

são de *quartzo*, e usados como symbolos de grandeza, que é tanto maior quanto é o enfeite. »

Taes erão as primitivas crenças do Sr. Barbosa Rodrigues sobre os celebrados *muirakitans*. Apezar de La Condamine, José de Moraes e outros fallarem em *jade*, ou pedra *nephritica*, o nosso naturalista não tirou dahi partido algum, e continuou a fallar-nos em *quartzo* e *feldspatho*.

Tudo isto é authentico. Ahi andam o *Relatorio do Rio Yamunda* e os dous primeiros numeros dos *Ensaios de Sciencia*. Os velhos chronistas e historiadores americanos fallavam nas celebres *pedras verdes*.

La Condamine, José de Moraes, Heriarte, e outros a que se refere o proprio Rodrigues, dizem algo das singulares pedrinhas. Clavigero e Humboldt não as desconhecêram. E ha mais uma circumstancia bem propria para fazer-nos scismar sobre as leituras do naturalista brazileiro, é a seguinte : — o autor do *Cosmos* não falla a esmo em *pedrinhas verdes*, assim como qualquer amador, não ; elle as vio e determinou-lhes a natureza. « Já, diz Meyer, Alexandre de Humboldt, que tinha trazido do Mexico um machado de *jadeite* bellamente esculpido e do comprimento de 25^{m}, observava : Tanto mais rara é esta qualidade de pedra, quanto mais admira a grande porção *de machados de nephrite*, que se encontram quasi por toda a parte

onde se cavar um logar antigamente habitado, desde o Ohio até as montanhas do Chile. » *

A existencia de objectos de *jade* e *jadeite* no antigo e novo mundo era de vulgar noticia. Sua grande importancia no Oriente, especialmente na China, já desde 1820 Abel Rémusat tinha revelado á Europa. ** Não devemos tambem esquecer que Humboldt viajou na America em principios deste seculo. Estava o autor do promettido *Sertum Palmarum* no *feldspatho* indeterminado e no *quartzo*, quando em 1877 Fischer soube que tambem elle tinha encontrado *pedras verdes* no Amazonas, e no anno seguinte escreveu-lhe, enviando-lhe os seus opusculos.

Desde então mudou a linguagem do Sr. Rodrigues. De então em diante nunca mais deixou de fallar na *sua* immensa *descoberta*. Em 1880, no terceiro numero dos *Ensaios de Sciencia*, o homem revela-se outro, e estruge por esta fórma á pag. 73: « Não podia deixar de neste ponto tocar, tendo sido eu o que primeiro no Brazil tratou desse ornato (*muirakitan*) e lhe deu a importancia que merecia, importancia que foi justificada pelo sabio conselheiro Fischer, director do Museu Mineralogico de Baden, unico (este *unico* é impagavel) que

* Meyer, *ibid.*, pag. 17.
** Meyer, *ibid.*, pag. 5.

na Europa tem-se occupado com a *jade* e que em carta ao autor não só approva sua opinião, como rende-lhe alguns elogios. *

Para mostrar a differença, prosegue Rodrigues, entre o *muirakitan* e o *tembetá*, basta dizer-se que um é *sempre* (este *sempre* é agora muito opportuno) de *jade*, *jadeite* e *chloromelanite*, e o outro de *quartzo compacto*, *feldspatho*, de *resina de jutahy*, ou de *pao*. »

Soberbo!... Dou o que quizerem ao Sr. Barbosa, si no *Relatorio sobre o Rio Yamunda* (1875) e nos dous primeiros numeros dos *Ensaios de sciencia* (1876) — os taes *muirakitans* não erão *sempre* de *feldspatho* e *quartzo*, e si ali a *jade*, a *jadeite* e a *chloromelanite* entram para qualquer cousa...

No primeiro desses trabalhos o curioso botanista insurge-se até contra a opinião de La Condamine — de ser o *muirakitan* semelhante á *jade oriental!* « A rigidez do muirakitan, que resiste á lima, fez com que apparecessem *opiniões menos exactas*. » (Pag. 54.)

As taes *opiniões menos exactas* são logo em seguida expostas pelo esperançoso naturalista brazileiro: 1.ª, a de *Seyfried*, que suppunha o *muiraki-*

---

* Gonçalves Dias na memoria sobre *As Amazonas* falla extensamente das *pedras verdes*. Barbosa devia saber d'isto.

tan de uma *terra verde*, molle debaixo d'agua e durissima ao contacto do ar; 2.ª, a de *Buffon*, que se approxima da do antecedente escriptor; 3.ª, a de *La Condamine, que o comparava á jade;* 4.ª, finalmente, a do padre *José de Moraes*, que se reduz mais ou menos á de Seyfried e de Buffon.

Eis os textos. Depois de fallar destes dous ultimos, refutando-os, escreve Barbosa: « La Condamine *tambem* diz que não fazem differença da *jade oriental.* O padre José de Moraes, nas suas *Memorias do Maranhão*, fiado na lenda, escreveu *tambem* (*sic*) o seguinte, tratando do rio Yamundá: — Nas cabeceiras deste rio, ha um lago donde se tiram *umas pedras verdes* com muitos e varios feitios, de que se infere com grande evidencia ser algum barro, que dentro d'agua (como coral) se conserva molle, e emquanto assim está, se formam delle as figuras que querem, mas, depois de tirado d'agua, se faz tão duro como um diamante, e não cede ao ferro e ao aço mais forte, que póde haver. Mostrando-se uma dessas pedras a um lapidario em Lisboa, disse que pelo toque mostravam ser pedras finas.

« E' certo que M. de La Condamine fez um grande apreço dellas e póde ser que os lapidarios de França lhes descubram algumas virtudes. —

« Termina dizendo, continúa o Sr. Rodrigues, que possuio uma com fórma de pescoço e cabeça de *cavallo* (!) que foi para o museu do pontifice Benedicto XIV. » (*)

Eis ahi; só uma vez falla o Sr. Barbosa nas 99 paginas de seu Relatorio em *jade*, e isto mesmo quando enumera as *opiniões menos exactas sobre o muirakitan!* Isto entre o *barro molle* de Buffon, e a *cabeça de cavallo* de José de Moraes, *cabeça de cavallo* que arrancou um formidavel ponto de admiração entre parenthesis (!) da parte do Sr. Barbosa. Aquelle signalzinho orthographico tem ali um valor inestimavel.

O nosso botanista sabe que o cavallo não foi conhecido pelos selvagens americanos, e, estando crente na fabricação indigena do *muirakitan*, rio-se da affirmação do padre e com razão! Temos provada a primeira de nossas theses.

Passemos á segunda.

II

No 3.° numero dos *Ensaios de Sciencia* (1880) o autor das *Orchideas*, já de posse da theoria de Fischer, começou, como vimos, a segunda serie de suas opiniões.

---

* *Rio Yamundá*, pags. 54 e 55.

O *muirakitan* é de *jade*, *jadeite* e *chloromelanite;* ora, estas pedras não existem na America, logo vieram da Asia, e cortada fica por uma vez a questão do povoamento primitivo do Novo Mundo...

Em dezembro de 1881, no *Cruzeiro*, foi a doutrina de Fischer, perfilhada pelo Sr. Barbosa, tonitruosamente exposta.

Mais tarde tambem o foi na *Gazeta de Noticias*, e, finalmente, em o numero da *Revista Amazonica* de janeiro deste anno. Nesta ultima publicação o *egotismo* é intoleravel; especialmente o capitulo que se inscreve — *Como conheci e porque liguei importancia ao muirakitan* — é insigne de auto-idolatria, para não dizer charlatanice scientifica. Ahi chega o Sr. Barbosa, ao que parece no desespero de revelar a sua originalidade, a alterar datas. Tratando dos *amuletos* do velho mundo, e dando noticia de *amuletos* tambem na America, transcreve um trecho do afamado *Relatorio* a que me tenho referido, antecedendo-o das palavras: *em 1872 dizia eu.* Ora, o relatorio tem a data de outubro de 1874 e sahio publicado no anno seguinte!

A razão deste estratagema é approximar suas inspirações das de Fischer. Este começou em 1871, e o nosso Rodrigues logo no anno seguinte escrevia as mesmissimas doutrinas!... E porque não? Rodrigues o diz claramente na *Revista*, mas o

diabo do *Relatorio*, ah! quem o pudera queimar!... ahi anda protestando traiçoeiramente.

Nossa segunda these é que o escriptor brazileiro suppôz existentes no Brazil as jazidas nativas do material dos *muirakitans*.

A prova é facillima, porque elle proprio no-la fornece. Á pag. 58 do *Relatorio* lê-se: « Fiz esforços, quando subi os rios Trombetas e Yamundá, para encontrar as rochas de que *fazia os enfeites* a tribu deste, mas não me foi possivel. *Naturalmente existem* (*sic*) *em algum dos affluentes, que não percorri*. Fui informado de que no rio Iamari, maior affluente, como vimos, do Yamundá, se encontram *pequenas pedras verdes* semelhantes ás de que são feitos os enfeites. » Nada mais claro. Entretanto, o naturalista patrio exclama na *Revista Amazonica*:

« Do lago Verde recebi uma. Qual não foi a minha estupefacção vendo que a rocha de que era feita (*jade*) não tinha por *patria o solo brazileiro!* »

O nosso *savant* julga-se em terra de cégos nas condições exigidas pelo adagio. Si desde o tempo em que recebeu o *muirakitan* do lago Verde tinha a respeito desse artefacto a mesma opinião de hoje, como se explicam as palavras do *Relatorio* que ficaram citadas?

Em todo este ultimo trabalho não se falla em *jade*, nem *jadeite*, nem *chloromelanite*, de que estão agora cheias as paginas da *Revista*. Nem o Sr. Barbosa filiou a substancia de que é fabricado o enfeite amazonico ao Oriente.

Esse parallelo foi apenas feito quanto ao uso de *amuletos*, commum ao Oriente e á America; e o autor do encantado *Sertum Palmarum* poderia dizer commum á Africa, á Oceania, á Europa, a todo o mundo emfim...

É um parallelo trivial e futil, referente a certas praticas supersticiosas, cem vezes feito pelos anthropologistas.* O essencial é que até 1878, data da primeira carta de Fischer, o Sr. Barbosa ignorava radicalmente a natureza intrinseca das deliciosas *pedrinhas verdes*.

Isto é o principal e isto está provado.

A terceira e a quarta affirmações, a saber, não ligar o Sr. Barbosa interesse ethnographico á maneira de Fischer ao *muirakitan* e só mais tarde ter aceitado as idéas do allemão, decorrem de quanto havemos dito. Quem se quizer ainda mais con-

---

* Taes cotejos são uma vulgaridade scientifica. Si o Sr. Barbosa Rodrigues quer ficar verdadeiramente maravilhado, neste sentido, veja a *Conquista do Mexico*, por Prescott, 1.º appendice, no fim do 3º volume. Ahi achará um resumo das similitudes notadas entre a civilização do antigo e do novo mundo. Não precisa ir mais longe.

vencer compare o seu artigo da *Revista* e as suas paginas do *Relatorio*. No artigo apparecem grandes descripções da *nephrite*, sua importancia na China, sob a denominação de pedra *Yu*, o modo de colher esta pedra, sua existencia exclusiva no Turkestan; iguaes informações sobre a *jadeite*, sua existencia unica em *Yunnan*; tudo como vem nos escriptos de Fischer e no folheto de Meyer.

São cousas estas de que o *Relatorio* jámais cogitou.

Seria necessario transportar para estas paginas os dous escriptos de Rodrigues, si os quizessemos cotejar. Limitamo-nos a um trecho para indicar o espalhafato praticado á custa de Fischer. O Sr. Barbosa ostenta uma erudição pasmosa sobre as cousas da China.

« Hoje, escreve o patrio *savant*, a *pescaria* das jades, tal é o nome que se dá na China, quando dellas precisa o imperador, o que mostra tambem o seu apreço e o seu valor, é assim feita: vinte ou mais soldados guardados á vista por officiaes, poem-se em linha e mergulham todos a um tempo; aquelle que primeiro acha alguma, sahe, e ao toque de um tambor, em uma folha de papel faz-se um signal vermelho.

« Acabada a pescaria, um inspector separa e marca as melhores, que nunca attingem mais de

40 centimetros de comprimento. Escoltadas, seguem depois para Pekim as jades. »*

E' o que exactamente lê-se em Fischer e Meyer. Traduzamos este ultimo.

« Já Rémusat descrevia a busca da nephrite. A *pesca* era feita na presença de soldados, de officiaes e de um destacamento. Vinte ou trinta mergulhadores, postos em linha, atiravam-se ao mesmo tempo n'agua, e quando achavam algum pedaço de nephrite, que erão mui dextros em conhecer, logo sahiam fóra, atiravam-no á margem.

« Tocava-se um tambor e dava-se um risco vermelho em uma folha de papel. Finalmente um inspector marcava os pedaços que chegavam ao tamanho de 40 centimetros. A cidade de Yarkand enviava annualmente de 4 a 6 mil kilogrammos de nephrite para Khotan a serem exportados para a côrte de Pekin. »**

E assim por diante o ethnologista nacional aproveitou muito e muito de seu amigo de Friburgo. E, todavia, é bem preciso comprehender as cousas.

O Sr. Barbosa foi em 1872 ao Amazonas; encontrou ali as *pedras verdes*, decantadas por chronistas e viajantes; sabia o que A. Wallace

---

* *Revista Amazonica*, n. cit., pag. 44.
** Meyer — *Die Nephritfrage*, pags. 5 e 6.

tinha dito dellas, e consignou-as no Relatorio, enviado ao Governo Imperial annos mais tarde sobre o rio Yamundá.

Tudo isto é verdade e em tudo vai algum merito. Dahi, porém, a ter formulado a theoria ethnographica de Fischer vai uma distancia que uma selva inteira de palmeiras não chega para encher.

O Sr. Barbosa Rodrigues não é um homem sem merecimento. Não é, porém, um espirito superior. De seus estudos de botanica é-me impossivel fallar; falta-me a competencia. Em ethnographia, quando se reduz a dizer o que vio, a relatar o que observou, a descrever em summa, comquanto copie muito dos chronistas e viajantes que o antecedêram, não deixa de ter prestimo. Quando entra a philosophar, a tentar theorias, a procurar filiações, Barbosa é simplesmente detestavel.

Por semelhantes desmantêlos é que a ethnologia arrancou a Haeckel duras palavras: — « Não existe hoje, diz o professor de Iena, um districto da sciencia em que mais extravagantes hypotheses levantem a cabeça tão facilmente, como a anthropologia e a ethnologia. »

A theoria nephritica de Fischer parece estar em tal caso.

O professor de Friburgo declara que em jazida geologica existe a *nephrite* sómente no Turkestan, e a *jadeite* sómente no districto de Yunnan, ao norte da cidade de Bhama. O Sr. Barbosa repete-o. O professor de Dresde contesta.

Affirma a existencia de jazidas nativas de *nephrite* no Turkestan, na Siberia e em Nova-Zelandia, e de *jadeite* em Barma (grande região ao nordeste da Indo-China), no Monte Viso na Europa e em Nova Guiné na Oceania. Qual dos dous allemães tem razão? Que diz o Sr. Barbosa? Terá elle competencia para decidir no pleito? Tem tanta como qualquer de nós, que nem somos mineralogistas, nem viajámos por aquellas afastadas regiões. Já vê o sabio brazileiro que estes assumptos não são tão simples, como ingenuamente suppõe.

É necessario um preparo scientifico altamente custoso, preparo que o nosso viajante não possue. Não basta ter ido ao Amazonas, ter visto alguns tapuias e algumas pedrinhas verdes, para acordar um dia ethnologo profundo e inventor de theorias irrefutaveis.

Contente-se o nosso viajante com as exterioridades; não saia do descriptivo. É o seu dominio.

Pelo que diz respeito á America, Meyer argumenta valorosamente.

Perdeu-se certamente o conhecimento das jazidas originarias do mineral; ellas, porém, devem

existir no continente, ao menos no Mexico e na região amazonica.

Pelo que se refere especialmente ao antigo imperio dos Aztecas, o professor de Dresde nota que os objectos ali encontrados têm todos em sua esculptura um caracter puramente local e indigena, uma prova de serem preparados no paiz. Nota mais a circumstancia de ser o tributo de muitas provincias do imperio obrigatoriamente pago em jadeite. Ora, é inverosimil que servisse de moeda uma substancia que se não encontrasse no proprio imperio.

Demais, observa ainda o sabio autor, ha improbabilidade manifesta de, no caso de importação da Siberia, China, Japão ou Indo China, sómente chegar ao Mexico a *jadeite* e jámais a *nephrite*. São tres considerações de peso.

Como vê o meu leitor, abre-se-nos diante um illimitado horizonte de hypotheses, e, em todo caso, é melhor lêl-as nas paginas de um homem competente, como Meyer, do que atormentar-se a gente com as impertinentes compilações do Sr. Barbosa Rodrigues.

Recommendo o opusculo do professor de Dresde.

1884

IV

Theophilo Braga e o turanismo dos indigenas brazileiros

O conhecido escriptor portuguez — Theophilo Braga, tratando do lyrismo do sul da Europa em suas relações com a litteratura brazileira, fez algumas referencias aos selvagens de nosso paiz.

Foi no prologo do *Parnaso Portuguez Moderno*, reproduzido ampliadamente nas *Questões de Litteratura e Arte Portugueza* *. Braga acredita que o lyrismo da Europa meridional teve uma origem commum. Esta fonte geral foram populações *turanas* descidas da alta Asia, divididas em dous grandes grupos, um que fez viagem pelo norte da Europa, e outro que a fez através da Africa, vindo ambos convergir ao sul da Europa.

Na America deu-se uma semelhante marcha de povos *turanianos*. A brachycephalia do basco fran-

---

* *Questões de litteratura e arte portugueza*—de pags. 18 a 20.—O artigo é de 1877.

cez e a dolychocephalia do basco hespanhol, provam o facto para a Europa. A supposta dolychocephalia das raças da America do Norte e a pretendida brachycephalia geral das da America Meridional, demonstram o phenomeno para o novo continente. Tudo isto é muito vago e tambem muito aventuroso; e não está nada provado; assenta em presumpções, e acha-se até em desaccôrdo com factos demonstrados.

A hypothese de Theophilo Braga, tirada das ideias de Retzius, Belloguet, Pruner-Bey e Varnhagen, para ser aceita, deveria justificar os seguintes factos:

a) o *monogenismo* das raças humanas e sua origem commum na Asia, o que não é nada facil, no estado actual da sciencia e diante justamente dos trabalhos de Paulo Broca, que o escriptor portuguez chama ás vezes em seu auxilio. *

b) a *veracidade* da *triada* de Max. Müller que os povos do mundo se dividem em *aryanos*, *semitas e turanos*, empreza difficil ante a linguistica dos povos uralo-altaicos, americanos, polynezios, africanos, etc.

c) a immigração dos *turanos* para a America.

---

* Vide na Revista de Antropologia de Broca os admiraveis trabalhos sobre o *monogenismo* e *polygenismo* das raças humanas e sobre a *hybridação*.

d) a *reducção* dos povos deste continente a esse ramo unico;

e) a *ausencia* entre as tribus do Brazil daquelles conhecimentos *metalurgicos e astronomicos* que passam pelos caracteres mais notaveis da civilisação turana;

f) emfim, demonstrar a *identidade* do desenvolvimento das raças americanas e asiaticas, um impossivel a olhos vistos.

Antes que se haja feito o que ahi indicamos, tudo que se disser sobre a these do *asiatismo* dos povos americanos é pintar n'agua ou escrever na arêa. « A America, diz o homem que melhor conheceu a pre-historia do Brazil, o Dr. Lund, a America já era habitada em tempos em que os primeiros raios da historia não tinham ainda apontado no horizonte do velho mundo, e os povos que nessa remotissima época habitavam nella eram da mesma raça que os que no tempo do descobrimento ahi habitavam.

Estes dous resultados na verdade pouco se harmonisam com as idéas geralmente adoptadas sobre a origem dos habitantes desta parte do mundo, pois que, quanto mais se vai afastando a época do seu primeiro povoamento, conservando ao mesmo tempo os seus antigos habitantes os seus caracteres nacionaes, tanto mais vai-se des-

vanecendo a idéa de uma origem secundaria ou derivada. » *

O sabio Lund prosegue, provando com ás suas descobertas archeologicas, a differenciação cada vez mais crescente entre os povos brazileiros primitivos e as raças chamadas mongolicas, á medida que afastamo-nos dos tempos modernos.

Desapparecem assim o velho estribilho de uma pretensa grande cultura dos povos do Brazil, que, por immensas catastrophes, retrogradaram, e a enfadonha these do mongolismo, *ces ridicules robinsonades*, como disse um sabio europêo.

O encontro de um ou outro artefacto ceramico, mal estudado, no valle do Amazonas, é um facto isolado, muito diverso do que devia dar-se no resto do paiz; é, antes de tudo, um facto explicavel pela proximidade da civilisação do Perú, ou da America Central, ou das Antilhas.

Quanto distava a sobriedade do grande Lund da afouteza charlatanesca de uns pretenciosos nossos conhecidos que andam aqui no Brazil a dizer que os Tupys erão os *Carios*, ou os *Normandos*, ou os *Mangoes*, ou os *Phenicios*, e não sei mais que povos que colonisaram a America!

E' possivel uma certa intermittencia na arte entre os povos amazonenses, phenomeno cem vezes

* Revista do Instituto, n. 23, de outubro de 1844.

repetido no curso da historia de todas as artes. Que prova isto? O turanismo? Uma velha civilisação brazileira? Absolutamente não.

Os estudos scientificos sobre as raças americanas começam apenas no Brazil. Reduzem-se por ora a pequenos trabalhos sobre craneologia, linguistica, e archeologia artistica e industrial. Não existem ainda factos demonstrados; os materiaes são até ainda limitadissimos; entretanto, já temos duzias de theorias para explicar a origem dos Tupys-guaranys...

Eu não quero contestar um tal ou qual conhecimento pratico de nossos pretendidos *savants* sobre um ou outro assumpto referente aos selvagens; mas é tal a falta de senso critico, tal a ignorancia dos modernos processos de linguistica, de ethnographia, de mythographia, etc., tal a incapacidade philosophica de alguns desses *savants*, que os seus escriptos merecem ir para o fogo. Appellam para os Chinezes, para os Polynezios, para os Japonezes, os Tartaros, os Carios, os Egypcios, os Phenicios, os Normandos, os Judeos, o diabo, para filiarem os pobres Tupys... Andam á cata de theorias como Paturot á busca de fortuna... Querem uniformisar tudo, buscar para tudo um similar no velho mundo. Uma boa interpretação dos factos leval-os-hia, por certo, a conclusões diversas.

Acabariam com a mania de reduzir a um typo unico as raças americanas, e ao mesmo tempo veriam nellas um producto deste sólo; reconheceriam migrações diversas entre os povos do continente; comprehenderiam melhor a semi-cultura antiga do valle do Amazonas, sua filiação á cultura identica dos caraibas das Antilhas, e tantos outros factos simples em si e obscurecidos por fantasiosos systemas. Uma das marchas migratorias dos antigos povos americanos, que *parecem* mais esclarecidas actualmente, é a de uma corrente de norte a sul, partindo das Antilhas, das costas da America Central e da actual republica de Venezuella, e chegando ao interior do Brazil, estacionando vastamente no valle do Amazonas. O estudo comparativo das antiguidades das Antilhas e da região do Amazonas demonstrará talvez o facto.

No valiosissimo escripto de Otis. T. Mason, inserto no *Annual Report of the Smithsonian Institution*, do anno de 1876, sobre as antiguidades de Porto Rico, immensos são os pontos de contacto entre os productos alli descriptos e aquelles que se encontram no Pará. Despertam especial attenção os amuletos representando animaes, figuras humanas, etc., fabricados de materias diversas, e especialmente de uma pedra verde, semelhante ao jade, *of green jadelike material*, diz o Dr. Mason. São evidentemente as *muirakitans* do Amazonas. Dentro da pro-

pria America acham-se os elementos para a explicação do que se encontra ao norte do Brazil. Desprezemos de uma vez as theorias fantasiosas e que lembram o velho *biblicismo*. Tal o turanismo do Sr. Theophilo Braga, prova de seu atrazo em semelhante assumpto.

1882

V

Ainda Theophilo Braga e o turanismo dos indigenas brazileiros

Homem de ler um livro para delle tirar dois, não tendo tempo de verificar, cotejar, reflectir, sahido da Universidade cheio das doutrinas contradictorias de Hugo, Quinet, Michelet, Chassang, Du Méril, a que juntava em menor escala alguma cousa de Renan, Alfredo Maury e Max-Müller, tendo accumulado com estes parcos elementos no decennio de 1860—a 70, duzia e meia de volumes de *omni re scibili*, o Sr. Theophilo Braga travou no decennio seguinte e quasi ao mesmo tempo conhecimento com o positivismo por intermedio de Littré e com a archeologia e ethnographia do Oriente por intermedio de Lenormant. Foi o diabo; foi uma visão formidavel que veio ainda mais perturbar o estado cahotico das idéas do açoriano.

Fiel ao seu systema, fez a obra de Lenormant parir-lhe uma *Historia Universal* e outros

volumitos mais; fiel ao seu systema, Littré e alguns poucos positivistas, foram postos em contribuição e vieram ajudar a gestação da mesma *Universal Historia* e de outros volumaços mais! Estava feita a liga entre a *positividade e a turanidade*, e tinhamos a apreciar contristados essa lucta esteril em que se debate, em que se anniquila um espirito presumpçoso e confuso, é certo, porém não de todo inutil.

Só muito depois é que, n'outros livros de historia, de linguistica e de anthropologia, Braga poude ver a falsidade do *turanismo*. Era tarde. Começou o desespero para conciliar seus velhos erros com os factos veridicos da sciencia. Neste espirito é escripto o infeliz artigo que tem por titulo *Sobre a Novellistica brazileira* que elle poz como *Introducção* aos meus *Contos Populares do Brazil* (*).

A este respeito escreveu Em. de Saint-Albin no *Polybiblion*:

« Dans ses introductions, M. Braga parle peu des chants et des contes du Brésil; mais, avec une emphase toute meridionale, il entasse les inductions sur les digressions, les citations sur les généralisa-

(*) Sobre irregularidades praticadas por Th. Braga n'essa obra, vide — meu opusculo intitulado—*Uma Esperteza ou os Canto s,e Contos Populares do Brazil e o Sr. Th. Braga.*

tions, et vous fait assister à un defilé d'Aryens et de Touraniens, de dolichocéphales e brachycéphales, *moins propres à renseigner le lecteur qu'à le stupéfier* ».

É isto mesmo.

Nas doze paginas consagradas ás tradições dos selvagens (XXIV—a—XXXVI), as duas primeiras são consumidas com impertinentes generalidades sobre as difficuldades que se deparam ao collector de contos populares e com uma noticia incolor e futil sobre o Dr. Couto de Magalhães. As taes difficuldades, exageradas por Braga, são de todos conhecidas e não vale mais a pena gastar papel em consignal-as. A noticia sobre Couto de Magalhães antolha-se-nos de todo inutil, a nós que em 1874 escrevemos sobre elle uma brochura, quando publicou o seu livro da *Região e Raças Selvagens do Brazil*, e em 1879 analysamos o seu livro d'*O Selvagem*.

Após esse preliminar desnecessario, entra o homem desassombradamente no *turanismo*.

« Uma d'estas civilisações proto-historicas é a das nações *Scytho-mongolicas*, nome que talvez seja preferivel para exprimir *as raças turanianas*, da mesma fórma que os anthropologistas propoem o nome de *Syro-Arabes* em vez de Semitas e *Indo-Europeus* em vez de Arias ». (P. XXVII).

É a ouvertura da opereta buffa do *turanismo*, precedendo os *Contos populares do Brazil;* mas uma *ouvertura* de sanfona ilhôa desafinada e martelante.

A passagem citada é insigne de confusão e desproposito. É tirada de Broca e ao mesmo tempo é contraria ao pensamento do anthropologista francez. Parece absurdo; mas não é tal; — em Theophilo isto é trivialissimo. Não é raro ouvil-o fallar de outiva em Morton, o celebrado chefe da escola do autochtonismo dos indigenas d'America, Morton o chefe daquella pleiada brilhantissima de anthropologistas indigenistas que encerra em seu seio homens como Nott, Gliddon, Haven, Brautz Mayer, Agassiz, e tantos outros; não é raro, dizemos, ou vil-o fallar em Morton, que elle nunca leu sinão desfigurado em Prichard, o chefe da escola contraria, a escola do *asiatismo*, cujos principaes sectarios na America, além de Prichard, são Forrey, Pickering e o coronel Smith!...

Não é raro tambem ouvil-o fallar em Broca, o ousado refutador de Rétzius, de Pruner-Bey e dos sectarios da velha doutrina que reduzia os habitantes ante-aryanos da Europa a uma raça brachycephala geralmente espalhada desde a Hespanha até á Finlandia, raça ainda hoje representada, ao que se dizia, nos bascos, nos finneses e n'outros povos da supposta familia turaniana, não é raro

ouvil-o invocar falsamente o testemunho do polygenista francez, adversario decidido das suas idéas predilectas!... É um meio de illudir aos incautos.

O pedaço citado, disse eu, é tirado de Broca, e é ao mesmo tempo contrario ao espirito do distincto anthropologista. Eu o provo. É filado de Broca; porque é o resumo de parte de suas idéas expostas no artigo intitulado: *Examen de quelques questions de nomenclature anthropologique*, e sem citação da fonte. (*)

É contrario ao espirito de Broca, porque este não se limitou, em sua critica da expressão *turanismo*, raças *turanas*, a censurar este neologismo por Omalius d'Halloy empregado limitadamente e por Bunsen e Max-Müller desviado de seu primitivo sentido e estendido a todos os povos não aryanos e semitas. Broca foi muito adiante; além da expresssão elle combateu o facto, insurgiu-se contra as phantasias daquelles. Braga, quando começou a ver turanos por toda a parte, levado por Müller e Lenormant, não tinha ainda lido nada contra o *turanismo*. Mais tarde chegaram-lhe aos ouvidos as criticas á *engenhosa hypothese* do philologo allemão, na phrase de Renan, e entre taes criticas iam algumas dirigidas contra a propria palavra

(*) Vide—*Mémoires d'Anthropologie* de Paul Broca, vol. I, pag. 234 e seguintes.

turano, questão secundaria diante de cousa muito mais séria que anda envolta no debate, e o compilador portuguez, desnorteado nisto como em quasi tudo, deixou de lado o essencial, que é a irreductibilidade dos povos não aryanos e semitas a uma só familia, e apegou-se á questão insignificante da palavra, da expressão, da designação da grande e phantasiada raça... Muito ingenuo é o professor portuguez, si julga que ahi temos apenas uma questão de titulo, cousa sanavel diante de um titulo melhor. Não, o pleito é muito mais grave e não é cousa para se resolver com a expressão de raça *scytho-mongolica* em vez de raça *turana!*..

Nem até essa expressão é bem escolhida; o Sr. Theophilo mostra ignorar totalmente o pé em que se ácham estas cousas. Pois ainda desconhece que o primeiro termo daquella fórmula, proposto por Whitney, não póde ser acceito; porque ha quem considere os *scythas*, senão no todo, ao menos em grande parte aryanos? (*)

Ainda não sabe que o segundo termo da fórmula tambem não póde ser acceito, porque muitos auctores competentissimos excluem os povos mongolicos da familia turana, que fica simplesmente reduzida ao grupo *uralo-altaico*, ou *finno-hungaro?*

(*) Vide A. H. Sayce, *Philologie Comparée*, e A. Hovelacque, *La Linguistique*.

É desta opinião o proprio Whitney (*). Si o nome turano é repellido por prestar-se a interpretações contradictorias, o nome *scytho-mongolico* é imprestavel tambem; porque é igualmente obscuro, é susceptivel de induzir-nos a enganos diante das duvidas ainda hoje existentes sobre os dous termos que o compoem.

Mas tudo isto é ainda secundario. Temos cousas muito mais galantes naquelle proprio trecho citado. Quem lê aquellas palavras é induzido a crer que o Sr. Theophilo abandonou o seu turanismo exagerado e ferrenho e é hoje um turanisante moderado. Pois quem tal pensar — illude-se redondamente.

O homem continúa a ser turanisador vermelho e intransigente. Ainda hoje aquelle espirito não é só um atrazado em philosophia, em critica litteraria, em poesia; é tambem um ancião decrepito em linguistica e anthropologia. Ainda hoje vive-nos a repetir, exagerando-os, os sonhos de Max-Müller.

« Voici trente ans que M. Max-Müller, escreve um homem competente — H. Gaidoz, voici trente ans que M. Max-Müller — inventait la *famille des langues touraniennes* dans la quelle il enfermait toute langue qui n'était ni aryenne ni semitique.

(*) Vide — *La Vie du Langage*, pag. 194.

Cela donnait une divison symètrique des langues du monde entier en une triade de familles, aryenne, sémitique et touranienne. Malheureusemente la variété de la nature ne se prête pas à une catégorisation aussi simple ; la théorie touranienne — *dont aujourd'hui on ne parle plus* — ne servit qu'à embrouiller les idées, et à retarder les progrès de la science ethnographique ». (*) Como se illude Gaidoz ! O turanismo de que não se falla mais!...

Mal sabe o francez que alli na Europa, numa capital, vive ha quinze annos um pretencioso professor atordoando todo a gente com os turanos. Para elle ha-os de toda a côr, brancos, vermelhos, pretos e amarellos.

Depois de Frederico Müller, Schleicher, Sayce, Whitney, Renan, Hovelacque e trinta outros terem mostrado irrefutavelmente a impossibilidade de reduzirem-se a uma só familia todas as linguas extrasemiticas e aryanas; depois dos mais illustres anthropologos terem auxiliado os linguistas nessa demonstração; depois de Morton, de Nott, de Gliddon, de Broca, de Virchow, de Vogt, vir-nos ainda o Sr. Theophilo Braga atormentar com velhas momices, que fizeram o seu tempo, é contristador...

(*) *Mésuline*—N.º 5—5 aout—1884.

Hoje o nome turano é synonimo de ugro-finnico ou uralo-altaico e mais nada.

A velha patranha desappareceu.

Hoje falla-se della como de uma doença que passou. « Já chegamos a ter uma *familia turana*, na qual havia-se reunido tudo o que não era *semitico ou aryano*, desde o turco e o tamul até ao chinez e o indiano dos Pelles-Vermelhas. » São palavras do inglez A. H. Sayce, um dos grandes apaixonados pelo estudo do idioma accadico. (*) Pois bem; n'este abandonado ponto de vista acha-se ainda o encantado Braga. E para que se não pense ser algum exagero de nossa parte, vamos citar os trechos em que elle filia no seu turanismo toda a gente do antigo e do novo mundo que sae fóra dos aryanos e semitas.

Aqui vai uma leva: « ... foi das raças nomadas da Alta Asia que se destacaram essas migrações que *entraram na Europa antes dos Indo-Europeus*, e que se conhecem pelo typo brachycephalo do *basco* francez; a coincidencia da dolichocephalia do *basco* hespanhol com o *berbere*, como notou Broca, revela-nos tambem o caminho por onde o turanismo da Asia entrou no sul da Europa, vindo através da Africa, onde uma parte estacionou.

(*) *Principes de Philologie Comparée*, trad. frac., Paris, 1884; pag. 82.

É por isso que se torna legitima a comparação das canções *provençaes* com os cantos *accadicos* e *chinezes*, bem como o phenomeno da persistencia da modinha *brazileira*, e o mesmo processo leva a grandes resultados, approximando o romanceiro peninsular ou as Aravias dos cantos historicos ou *Jaravis do Perú.* »

Ahi estão bascos, berberes, accadicos, chinezes, provençaes e peruanos...

Mais outra multidão: « ... a Proto-Historia deve comprehender as civilisações rudimentares *Accadica, Kuschita, Mexicana, Peruviana, Etrusca* e *Chineza*... compete aos Ethnologistas o desenvolver a *Proto-Historia* pelo estudo comparativo dessas civilisações improgressivas, produzidas principalmente nas *raças turanianas ou mais propriamente Scytho—Mongolicas.* » Eis ahi — mexicanos, peruanos, kuschitas, etruscos, accadicos, chinezes, scythas e mongolicos...

Ainda mais.

« Entre as civilisações isoladas, que por esta condição se tornaram improgressivas, occupam um logar importantissimo, depois do *Egypto e da China*, as duas civilisações do *Mexico e Perú*... devem ser estudadas antes do apparecimento das raças aricas, e sob um criterio comparativo, *como o vestigio mais completo da capacidade social do elemento turaniano.* »

Ninguem se engane, além de peruanos, chinezes e mexicanos, temos os egypcios...

Agora surge toda a multidão dos Pelles-Vermelhas:

« Esta circumstancia casual que conduziu Colombo á descoberta da America, explica-nos tambem como o continente americano chegou a ser habitado por uma raça colonisadora, que nas suas expedições maritimas abordou inconscientemente á America pela corrente do Gulf-Stream. Essa *raça primitiva é turaniana*, e por isso os gráos do seu progresso, mythos, litteratura e arte têm profundas analogias com as *creações do genio chinez.* » E a cousa: chinezes e americanos são da mesma laia, são irmãos, filhos do grande *Tur*...

Parece que estamos ouvindo um jesuita do seculo XVI, ou algum biblicista fanatico á maneira de lord Kingsborough !...

Novas legiões: «... a superstição de não bolir no lume com uma faca é *turaniana*, e por isso é commum aos *tartaros*, aos *Indios Sinx da America do Norte* e aos *habitantes* da extremidade nordéste da Asia, entre os *habitantes do Kamschatcka.* » Vejam bem: são os tartaros, os sinx e os kamschatckenses... Finalmente chega o resto da cabilda:

« Antes da civilisação aryana existiu na Asia a civilisação *turaniana*, que lhe serviu de base de

desenvolvimento; nos costumes do Mexico conservam-se tambem muitas fórmas communs ás raças *tartara* e *basca*, que são de origem *mongoloide*; além disso na Europa os elementos *basco*, *turco*. *magyar* e *finlandez* são os restos da primitiva civilisação *Proto-Historica-turaniana.* » Que tal a lembrança do homem em dar-nos os *turcos* e *magyares*, povos modernissimos na Europa, como *restos de primitiva civilisação?* Ah! Sr. Theophilo!

Por todas estas citações vê-se que Braga é ainda mais exagerado do que o proprio Max Müller. Este ao menos para a explicação das semelhanças notadas entre povos do antigo e do novo continente recorria muitas vezes ao factor humano, quero dizer, á identidade dos processos fundamentaes da humanidade por toda a parte. Braga insurge-se contra essa concessão de Müller e mostra-se mais realista do que o rei. No proprio escripto que analysamos vem um exemplo d'esse rigorismo de turanidade orthodoxa da parte do auctor açoriano.

É o caso que o professor de Oxford narra-nos a existencia na Allemanha, India e America Central do conto dos dous irmãos, que, ao retirarem-se para fóra de seu paiz, planta cada um o seu arbusto como annuncio de sua prosperidade ou desventura, conforme o arbusto conservar-se viçoso ou murchar. Müller declara que bastam os recursos nativos e espontaneos do sentimento humano para produzir

aquelle thema, ao mesmo tempo no antigo e em o novo mundo, sem ser preciso recorrer-se a relações pre-historicas entre tão afastados povos.

Braga, o mosarabe turanisado, pucha pelas orelhas o velho linguista, e grita-lhe: « Engana-se! Deante da descoberta dos monumentos accadicos e da construcção da civilisação *turaniana* a verdade está do lado da realidade historica! » (Pag. XXXV) Forte cegueira...

Vê o leitor qual é o turanismo do phantasioso Theophilo Braga; é terrivel, é intratavel.

Vimos a sua extensão e intensidade. Será preciso refutal-o? Digamos sempre algumas palavras. O turanismo do meu adversario não se funda em bases scientificas; tem pelo contrario em seu desfavor todas as conclusões da sciencia contemporanea.

Effectivamente, a pretenção de grupar num só e grande todo as raças historicas e ante-historicas, que não são nem aryanas, nem semiticas, é um velho arrojo desajuizado.

Qualquer que seja o ponto de vista em que nos colloquemos para classificar as raças humanas, ou nos baseemos nas fórmas craneanas, ou na côr e fórma dos cabellos, ou na côr da epiderma, ou na côr dos olhos, ou nos caracteres linguisticos, ou nas qualidades mentaes, sempre e sempre será

uma empreza absurda e irrealizavel a reducção de tantos povos a uma raça unica.

Anthropologos, linguistas, e naturalistas estão neste ponto de accordo.

O turanismo braguista tem duas faces: a do velho continente e a americana.

No antigo continente a anthropologia, pelo orgão de Paulo Broca, reduziu á poeira uma das bases do systema, isto é, a velha idéa de Retzius, defendida por Pruner-Bey, da brachycephalia geral dos habitantes ante-aryanos da Europa.

Não será necessario transcrever para estas paginas os textos de Broca.

As *Memorias de Anthropologia* estão cheias de factos decisivos, de provas irrecusaveis contra a brachycephalia primitiva dos europêos, brachycephalia commum, ao que se affirmava, aos Finnezes e Bascos e representativa de uma velha raça generalisada pela Europa e da qual esses dous povos seriam os representantes actuaes.

Vejam-se especialmente os dous artigos capitaes —*Sur les caractères anatomiques de l'homme prehistorique* (*) *Les crânes des Eysies et la théorie esthonienne* (**) sem fallar nas memorias sobre os bascos.

(*) 2º vol. pag. 115 a 150.
(**) *Idem*, pag. 213 a 257.

Dos estudos do sabio anthropologista sahe a confirmação na Europa de diversas raças pre-historicas, a começar por uma fortemente dolichocephala e dahi por diante sempre este e o typo brachycephalo a succederem-se.

Bascos, por exemplo, ha-os de um e outro typo. As raças pre-historicas nos apparecem já tão baralhadas como as historicas.

Broca ridicularisou fortemente o *mongolismo* europeu de Pruner-Bey (*).

A linguistica, por seus orgãos mais auctorisados, reconhece a impossibilidade de reunir n'uma só familia linguas isolantes, como o chinez, e polysyntheticas, como as dos americanos. A glottica admitte apenas, no meio do infinito turanismo de Braga, o parentesto da pequena familia uralo-altaica.

Sobre a entrada de *accadeano* neste grupo ainda se acham divididas as opiniões dos competentes. Sayce, por exemplo, pronuncia-se a favor; Frederico Müller e Renan duvidam com força.

Esta gente ainda duvida e são sabios orientalistas!... o nosso Theophilo não duvida mais; elle é dos diabos, sabe accadeano, basco, finlandez, magyar e turco de modo a espantar...

Naturalistas, como Haeckel, tambem repellem o turanismo geral do velho mundo (**).

(*) 2º vol. pag. 223.

(**) Vide na *Historia Natural da Creação* a classificação das raças humanas.

Passemos á America. Neste ponto seria necessario acompanhar o açoriano quasi linha a linha; porque os erros formigam aos cardumes.

O professor do Curso Superior de Lettras é sectario do *asiatismo* dos povos americanos. Em favor desta these, gasta e imprestavel, não adduz um só argumento novo.

Revela-se pelo contrario pasmosamente atrazado em questões americanas.

Anda-nos ainda a citar Prichard, como quem diz novidades. Os dous grandes argumentos novos a favor de asiatismo americano, um tirado da ausencia na America dos anthropomorphos, gibbon, orang, gorillo, chimpazé, considerados como *primos* do homem, por descenderem de um ante-passado commum, o que dá o velho continente como a patria primitiva da especie humana, este argumento e o outro tirado do encontro na America de artefacto; de nephrite e jadeite, rochas não existentes em estado nativo sinão na Asia, estes dous novos argumentos, digo eu, o professor portuguez ignora-os ainda hoje de modo radical.

O primeiro é uma applicação má da doctrina darwiniana ao problema das origens dos americanos.

Pode-se desviar o golpe, advertindo que até para o transformismo mais rigorista nunca o homem foi considerado um filho, um descendente dos anthropomorphos.

É apenas considerado um parente collateral afastado. Sinão é filho, tambem não é irmão; é um primo em terceiro ou quarto gráo.

Sua existencia num ponto dado não implica necessariamente a apparição da longinqua parentela collateral.

Além de tudo o animal que Darwin suppõe ter sido o progenitor immediato do homem não foi ainda encontrado em parte alguma da terra. Lacuna, si ahi existe, não se dá só na America, dá-se por toda a parte. A illação tirada contra o Novo-Mundo, como reino de creação, na phrase de Agassiz, é precipitada e improcedente.

A outra doutrina desenvolvida por Henrique Fischer, naturalista allemão de Friburgo, e adoptada ultimamente pelo Sr. Barbosa Rodrigues, foi victoriosamente batida por A. B. Meyer, naturalista em Dresde.

Jazidas de nephrite e jadeite foram encontradas na Europa, Asia, Oceania e no territorio de Alaska na America (*).

(*) Vide o nosso artigo — *Barbosa Rodrigues e a questão da pedra nephrite:* vide de A. B. Meyer o opusculo — *Die Nephritfrage kein ethnologisches Problem*, 1883. Tendo nós divulgado no *Paiz* a theoria de Meyer, este sabio enviou-nos mais os quatro opusculos seguintes: — *Ein neuer Fundort von Nephrit in Asien*, 1883; *Ein zweiter Rohnephritfund in Steiermark*, 1883; *Ueber Nephrit und aehnliches Material aus Alaska*, 1884; *Rohjadeit aus der Schweiz*, 1884.

O Sr. Theophilo Braga desconhece tudo isto, ignora tambem radicalmente os trabalhos da escola de Morton, Nott e Gliddon e mette-se a fallar da America e dos americanos com os velhos subsidios de Prichard... É singular.

No proprio terreno dos pontos de contacto entre as civilisações da Asia e as da America o letrado portuguez nada sabe de proveitoso.

Acompanhemol-o. Depois de referir a classificação das raças da America do Sul estabelecida por d'Orbigny e citada em Prichard, passa a dizer-nos que as raças da America do Sul são *brachycephalas* e as da America do Norte são *dolichocephalas*, facto analogo ao estabelecido por Broca entre os bascos francezes e hespanhóes.

« De facto as raças do sul caracterisam-se tambem pela sua *brachycephalia*, pela obliquidade dos olhos peculiar dos mongolios, tendo tambem numerosas analogias ethnicas com as raças nomadas da alta Asia ». (Pag. XXIX).

Torna a repetir na pagina seguinte: « Na America do Sul a *brachycephalia* tambem leva á comprehensão de analogias excepcionaes já observadas pelos anthropologistas... » (Pag. XXX).

Diz Braga ter Broca achado serem brachycephalos os bascos do norte e dolichocephalos os do sul; ter Morton provado serem dolichocephalos os americanos do norte e brachycephalos os do sul...

Que consequencias tira dahi o Sr. Theophilo? Que applicações faz ao seu turanismo? Eram os bascos francezes de uma raça diversa dos hespanhóes? Ou eram da mesma raça e cruzados com um povo differente?

Quanto aos americanos, que pensa, que pretende concluir o Sr. Theophilo? Os indios da America do Norte são os *turanos*, ou são os da America do Sul? São da mesma raça ou de raças diversas?

Para que desfigurar os factos, embrulhal-os sem vantagem, a ponto de tornal-os emprestaveis até para aquillo que se pretende defender?

O que o escriptor portuguez esconde, porque lhe convém occultar, são as condições dos estudos e experiencias de Broca e as suas idéas fundamentaes. Attenda-me o leitor. Dizia-se geralmente no tempo em que o notavel anthropologista começava suas investigações: a Europa foi habitada antes dos aryanos por uma raça brachycephala, e os bascos são um resto dessa velha população. Veio Broca e interpoz o seu juizo fundado na observação. Não ha tal, retrucou elle, houve na Europa raças dolichocephalas anteriores aos aryanos, e, quanto aos proprios bascos, os do norte são brachycephalos e os do sul dolichocephalos; a theoria não tem razão de ser, por andar em desaccordo com

os factos. Tal o resumo das doutrinas do sabio francez.

Ha quem tenha ido adiante de Broca e haja negado o valor das fórmas craneanas na classificação das raças humanas, desde que todos os typos se encontram entre brancos, negros, vermelhos e amarellos, bem como entre as raças pré-historicas e as actuaes em uma confusão e mistura inextricaveis.

Que fez Morton, o celebre polygenista americano? Estudou o mais que poude os selvagens da America do Norte, reconhecendo nelles caracteres que os afastam das raças mongolicas em que são infundadamente filiados.

Quanto aos selvagens da America do Sul, não os conheceu directamente, reproduzindo algumas informações inexactas de varios viajantes do principio d'este seculo, nem sempre bem informados. Em parte alguma dos seus escriptos o sabio anglo-americano usou dos termos da classificação craneana de Retzius, brachycephalia, dolichocephalia, mesaticephalia... Em parte alguma estabeleceu jamais uma divisão dualistica sob aquelle ponto de vista entre as raças do norte e as do sul do Novo Mundo.

Em parte alguma estabeleceu o erro do predominio da brachycephalia dos selvagens da America do Sul.

É este um ponto definitivamente esplanado pelos dous conhecidos discipulos brazileiros do grande Lund, Rodrigues Peixoto e Baptista de Lacerda. Dos interessantes estudos destes naturalistas sobre craneos antigos e modernos de selvagens brazileiros resalta irrevogavelmente o predominio da dolichocephalia na America do Sul (*). Sempre o contrario das affirmações gratuitas do sonhador portuguez.

Já vê o Sr. Theophilo que o velho Prichard, o atrazado antagonista de Morton, é hoje um pessimo guia. Creia que deve ter mais cuidado quando escrever sobre a America.

Temos aqui uma multidão de problemas que andam agitados numa vasta collecção de livros que não são o *Selvagem* de Couto de Magalhães ou a *Historia Natural do Homem* de Prichard, as duas grandes fontes braguistas sobre os povos americanos.

É um estudo psychologico interessante, e que deixo aos seus adeptos, verificar o motivo pelo qual Theophilo, suppondo-se muito adiantado, não passa do defensor de velharias caducas. Na ethnographia do Velho Mundo ainda é, como ferrenho biblicista, adorador da descendencia do phantasiado patriarcha

(*) Vide de Rodrigues Peixoto *Novos Estudos Craneologicos sobre os Botocudos*, e de Baptista de Lacerda *O Homem dos Sambaquis*, nos *Archivos do Museu Nacional*.

Tur; no Mundo Novo acha-se no ponto de vista dos jesuitas dos seculos XVI e XVII.

E tem a coragem de fallar em Morton, no *indigenista* Morton, por citações desfiguradas de Prichard! Diz o Sr. Braga que o naturalista americano reconheceu a sonhada *brachycephalia* dos habitantes da America do Sul. Já vimos ser isto um formidavel erro diante das investigações dos Srs. Peixoto e Lacerda.

Avança tambem que o sabio americano estabeleceu a *dolichocephalia* dos povos do norte deste continente. É um outro aleive levantado ao pobre Morton.

Nem este anthropologista poderia usar de taes expressões devidas a Retzius em época posterior á publicação dos *Crania Americana,* nem affirmou jamais semelhantes despropositos em desaccordo com os factos.

O illustre sabio foi adversario decidido do *mongolismo* dos americanos; foi justamente o chefe da escola que repelle as idéas agora desastradamente advogadas pelo escriptor portuguez.

Este, em sua perpetua precipitação, ignora radicalmente as conclusões dessa escola (*).

(*) Vide *Crania Americana, or a comparative view of the Skulls of various aboriginal nations of North and South America, to which is prefixed an essay of the human species,* by Samuel George Morton, 1839. É a obra inicial da escola

Eil-as aqui, estabelecidas por Nott e Gliddon, no cap. IX do celebre livro *Types of Mankind:*

« 1.ª — O continente americano foi desconhecido pelos antigos egypcios, pelos chinezes, pelos gregos, hebreus e romanos;

2.ª — Por occasião do descobrimento este continente era povoado por milhões de homens que se pareciam e mostravam traços caracteristicos, moraes e physicos, inteiramente especiaes, e em perfeito contraste com os habitantes do velho mùndo;

3.ª — Taes raças estavam cercadas por toda a parte de animaes e plantas especificadamente distinctos dos do velho mundo, e originados indubitavelmente na America;

4.ª — Estas raças fallavam muitas centenas de linguas, que, approximando-se na estructura grammatical, distanciavam-se nos vocabularios, e eram radicalmente distinctas dos idiomas do velho mundo;

5.ª — Seus monumentos, como se vê pela architectura, esculptura, ceramica, bancos de conchas, testemunham uma avançadissima antiguidade

---

indigenista nos Estados Unidos. Nesta mesma corrente de ideias, vide tambem — *Archæology of the United States, or Sketches, Historical and Bibliographical, of the Progress of Information and Opinion respecting Vestiges of Antiquity in the United States*, by Samuel H. Haven, 1856; e mais especialmente *Types of Mankind*, by J. C. Nott and G. R. Gliddon, 1857.

por sua extensão, disseminação e numero incalculavel.

1.º — O estudo de decomposição dos esqueletos dos *sambaquis* e, determinadamente, a estructura anatomica particular do pequeno numero de craneos restantes, provam que os constructores destas obras eram não só antiquissimos, como autochtones; porque os craneos americanos antigos e modernos não se parecem nem os de qualquer outra raça antiga ou moderna;

2.º — Os indigenas americanos não possuiam nem alphabeto, nem verdadeiro systema de escripta pomerica, não possuiam nenhum dos animaes domesticos, nem a maior parte das artes do hemispherio oriental; suas plantas agricolas eram indigenas;

3.º — Seu systema arithmetico era unico em o genero; seus conhecimentos astronomicos eram, sem a menor sombra de duvida, de origem cisatlantica, e seu calendario não se parecia com nenhum dos pertencentes aos povos antigos ou modernos do outro hemispherio ».

Taes as notabilissimas conclusões firmadas pela escola americana, que o Sr. Theophilo Braga jámais leu e só conhece de outiva ou de notinhas pilhadas doidamente pelas livrarias de Lisboa. E ter elle o desconchavo de chamar em auxilio do *turanismo* a Broca em o Velho Mundo, quando este insigne

anthropologista foi quem alli matou a velha tolice *turanisante!*... E ter elle a veleidade de invocar na America a favor da mesma extravagancia a Morton, o notabilissimo adversario daquella molestia cá em nosso continente!... Um facto vale o outro. Não conheço em tudo quanto tenho lido em minha vida igual exemplo de desconcerto e exquisitice.

1885

VI

Ladisláu Netto e a archeologia brazileira

I

O apparecimento do 6.º volume dos *Archivos do Museu Nacional* foi saudado com festivos gabos pela imprensa brazileira.

O alentado *in-folio* é consagrado a assumptos de casa; é um como prolongamento da não esquecida *Exposição Anthropologica*, é um vasto ensaio de sciencia indigena, e, por isso, os elogios que o receberam foram e são em grande parte bem merecidos. Em grande parte e não em totalidade, digo eu, porque si as paginas alli deixadas por Carlos Hartt, são realmente interessantes em uns pontos e admiraveis em outros, a mesma cousa não se poderá dizer, por exemplo, das *Investigações sobre a archeologia brazileira*, lá estampadas pelo Sr. Ladisláu Netto.

O grosso volume encerra quatro estudos; dois de craneologia, um archeologico e outro de ethno-

logia geral brazileira, occupando-se especialmente de assumptos mythicos e artisticos.

Este ultimo é uma collecção de notas deixadas por aquelle moço naturalista americano C. F. Hartt, a mais fecunda organisação scientifica que já uma vez o Brazil teve a seu serviço. Lêm-se e tornam-se a lêr uma e mais vezes aquellas paginas escriptas com o mais apurado desalinho, ermas de phrases e cheias de idéas, precipitadas por vezes, suggestivas sempre! Especialmente esplendidos são os capitulos — *Apontamentos sobre o fabrico da louça de barro entre os selvagens, a origem da arte ou a evolução da ornamentação, e mythologia dos indios do Amazonas.* Com elles o moço sabio lançou os verdadeiros alicerces da ethnologia brazileira.

Hartt era especialmente geographo e geologo; dotado, porém, de um senso linguistico e de um senso historico admiraveis, aprendeu com maravilhosa facilidade o idioma dos nossos indios e penetrou pasmosamente no sentido de seus contos, lendas e mythos.

Si tivesse continuado a viver, ter-se-ia tornado um dos primeiros mythologos de nosso tempo. No estudo dos nossos selvagens teve o bom senso de apegar-se de preferencia aos phenomenos intellectuaes e moraes que se chamam a linguagem, os contos, os mythos, as artes, as tradições. Outros têm-se entregado a pesquizas sobre caracteres mais

exteriores, como as formas do esqueleto e especialmente do craneo.

Os Drs. Rodrigues Peixoto e Baptista de Lacerda são deste numero. O primeiro, que é incontestavelmente mais preparado na especialidade, escreveu um trabalho de craneometria hodierna; o campo de suas investigações foram os actuaes botocudos. As conclusões deste *scientista* brazileiro são ainda muito vacillantes. Elle parece suppôr ter sido o Brazil primitivo habitado por duas raças principaes: — *o homem da Lagôa Santa e o homem dos sambaquis*. O que é talvez mais interessante é a supposição de terem ainda aquellas duas raças directos representantes actuaes, uma nos *bugres* do Paraná e outra nos *botocudos* do Espirito Santo. Os tupys do norte são para o nosso auctor um povo totalmente diverso. Qualquer que seja o futuro reservado a esta hypothese, não se poderá contestar a Rodrigues Peixoto a gloria de haver iniciado no Brazil o ramo de anthropologia em que se tem de preferencia exercitado e não se lhe poderá contestar bastante senso scientifico. O Dr. Baptista Lacerda, seguidor de Peixoto nestes estudos, deu-nos um trabalho de craneometria archeologica. Versa elle sobre os craneos fosseis dos sambaquis.

O auctor é mais um clinico e physiologista do que um anthropologo de nota. Como quer que seja, não creio que das investigações, aliás importantis-

simas, dos dous craneometrologos nacionaes, possa resultar a final solução dos enigmas do americanismo brazileiro.

Nosso seculo experimentou duas ou tres decepções tremendas no especialissimo problema das classificações e migrações das raças humanas.

O mais antigo criterio, a mais velha base para a classificação das raças era a côr da epiderma. Base fundamental fraquissima é essa, attendendo-se á mescla e confusão em que se acham os mais diversos povos, sob este particular aspecto.

A este ponto de vista, puramente physico, o progresso da linguistica em os primeiros annos deste seculo veiu substituir um mais valoroso no tocante ás relações subjectivas e psychologicas: a linguagem. Facil foi observar para logo as falhas deste novo criterio. Appareciam então as primeiras exhumações das industrias e dos homens primitivos; a pré-historia lançava os seus primeiros vagidos, os primeiros machados de silex foram desenterrados e ao par com os primeiros craneos humanos e os primeiros ossos do mammouth e do urso das cavernas.

Veiu então a idéa de classificar as raças humanas pelas mais primitivas manifestações de suas industrias.

Mas, oh decepção! por toda a parte foram encontrados objectos inteiramente identicos...

Nas costas d'Africa, no centro da India, no valle do Amazonas, na Australia, nas regiões dos pólos — os mesmos productos!

Abandonou-se a idéa. Mas com as pontas de silex e com os ossos da renna — appareciam tambem os craneos do homem primitivo. Nasceu e prosperou a anthropologia craneometrica, pretendendo haver achado a base ultima e definitiva das classificações das muitas variedades da especie humana. Mas, oh dor! os *brachycephalos* e *dolichocephalos*, a principio enganadores, entraram a surgir de toda a parte e a ser encontrados entre as populações mais radicalmente desseméhantes. É uma mistura verdadeiramente infernal. Ao lado, pois, das classificações pelos caracteres do craneo appareceram as classificações firmadas nos caracteres do cabello, dos olhos, etc.

Parece dever-se de tudo isto concluir que a anthropologia meramente anatomica é insufficiente para fornecer hoje base positiva para a distincção das raças humanas. Dos seus assertos e dos seus achados, esta sciencia do homem, por assim dizer retardataria e posthuma, procurando reconstruir phenomenos sociaes passados ha muitos e muitos millenios, não póde tirar conclusões validas para elucidar a vida historica e moral da humanidade.

Enchamo-nos do mais auspicioso optimismo e supponhamos aos Srs. Peixoto e Lacerda a deliciosa

ventura de haver medido os craneos de todas as raças actuaes, pré-colombianas e pré-historicas do Brazil; qual a conclusão a que chegaráõ? Não será outra senão, que tivemos e temos por aqui individuos *brachycephalos* e *sub-brachycephalos*, *dolychocephalos* e *sub-dolychocephalos*, *platicephalos* e *mesaticephalos*, *ortognatas* e *prognatas*... e depois?... Isto mesmo é o que se dá por toda a parte; nada de particular se poderá concluir.

Taes estudos são, portanto, valiosos sob um ponto de vista muito geral para a historia natural do homem tomado em globo.

Como caracteristico especial, como indicio exclusivo para determinar e reconstruir a natureza e indole das gerações extinctas de um dado paiz, são de todo inconcludentes.

Não devo, porém, distanciar-me do objecto deste artigo: — as *Investigações sobre a archeologia brazileira* do Dr. Ladisláu Netto.

É um trabalho que tem dous lados, é um espelho de duas faces: — descripção de objectos indigenas existentes em nosso museu, asserções, hypotheses e conjecturas do auctor sobre as populações auctoras daquelles artefactos.

A parte descriptiva e representativa dos objectos não é cousa que se possa apreciar sem o minucioso exame do original de cada um dos objectos confrontado com a sua figura e descripção nos *Archivos*.

É de suppor que em mais de um ponto haja equivocos e inexactidões. Deixo a averiguação a quem interessar. Quanto ás conjecturas, quero dizer, quanto á parte theorica, muda muito a cousa de aspecto. A esterilidade e em grande parte a incompetencia do gracioso *savant* são manifestas.

O trabalho não tem philosophia nenhuma; um empirismo desesperador, além de ser pauperrimo de vistas suggestivas e de generalisações fecundas.

Não sei si o Sr. Ladisláu Netto comprèhenderá esta especie de critica. Talvez elle não saiba ainda que certos conhecimentos de detalhes, sem nexo, nem lei que os prenda e unifique numa synthese geral, para nada prestam, de nada valem. É a especialisação em excesso; é a micrologia em toda a sua fatuidade esterilisante.

Quando assim me exprimo, não quero, nem por sombra, deixar crêr que o director do nosso museu seja um grande especialista, um homem technico em certas materias. Muito pelo contrario; é daquelles que nem são bons e prestimosos praticos, nem espiritos theoricos. Sua instrucção é, como a mór parte dos assumptos de que anda elle agora a occupar-se, demasiado problematica.

II

Tres ou quatro pontos principaes em que o encantado botanista haja tomado phantasias por factos,

serão sufficientes para mostrar-lhe a necessidade urgentissima, experimentada por elle, de firmar um pouco mais os pés no terreno escorregadio em que se foi postar.

Seja logo o primeiro aquelle em que, desconhecendo radicalmente os trabalhos nacionaes sobre os selvagens brazileiros, diz em voz sonora e tom altivo, que semelhantes estudos foram neste paiz iniciados por elle em 1867...

É isto por duas vezes affirmado no 6.º vol. dos *Archivos*: no *prefacio* anteposto ao livro e na *advertencia* que antecede o estudo de nosso naturalista.

Contra semelhante ataque ao direito de outros devemos protestar em nome da verdade historica.

Sem fallar nas multiplas e variadas noticias e observações, primorosas pela veracidade, que se nos deparam nos escriptos dos chronistas e viajantes, que durante os tres seculos coloniaes se occuparam deste paiz; sem lembrar os espantosos estudos de Alexandre Rodrigues Ferreira, que nos fins do seculo passado, ha cem annos justamente, disse quasi tudo quanto havia a dizer sobre os indios amazonicos, não esquecendo os *ceramios* que hoje tanto nos maravilham; sem fazer caso do que sabios estrangeiros, dentro ou fóra do paiz, como D'Orbigny, Martius e Lund, escreveram sobre as raças actuaes e pré-historicas do Brazil, não era licito ao Sr. Ladisláu Netto esconder na mão e atirar para

um canto valiosissimos estudos nacionaes, sobre o magno assumpto, realisados aqui entre nós, a dactar de 1860. Deu neste ponto prova dessa leviandade dos brazileiros, que parecem ser um povo sem memoria. De tudo esquecemo-nos de pressa; como si não tivessemos tradições, parece nos que tudo brotou hoje da cabeça de alguns predestinados...

O Brazil intellectual para quasi todos nós não será comparavel a uma vegetação centenaria fincada em terreno fertil e viçoso, onde novos e indefinidos rebentos vão brotando progressivamente e alastrando as varzeas visinhas; será antes equiparavel a uma *capoeira* rachitica, brotada no terreno calcinado onde foi uma velha roça e de onde tinha sido extirpada a vegetação primitiva.

Não quero attribuir á má fé o singular esquecimento do director do museu; praz-me explicar o facto por sua falta de leitura. E' possivel que elle se julgue apto a pertencer a certo numero de individuos que desdenhosamente deitam de lado quanto se escreve no Brazil, como indigno de ser lido, e affectam alimentar o espirito sómente das maravilhas da Europa!...

Em outros assumptos será talvez de pouca inconveniencia assim proceder; em materia de americanismo é um erro perniciosissimo.

Si quizesse, como é de seu dever, estudar a historia scientifica do paiz, o Sr. Ladisláu Netto

notaria que o ultimo quarto de seculo tem sido notavelmente ubertoso de publicações dignas do mór apreço.

Em 1860 o poeta Gonçalves de Magalhães publicou a memoria—*Os indigenas do Brazil perante a historia.*

E' um pequeno escripto de caracter polemico, apto a despertar a attenção sobre o muito que devemos aos primitivos incolas da patria.

Outro poeta muito mais habilitado para o mister, Gonçalves Dias, bem antes de sua morte, lia o interessante livro — *O Brazil e a Oceania*, publicado pela *Revista* do Instituto em 1867. E' um escripto eruditissimo, cheio de factos colhidos nas velhas chronicas, encerrando noticias variadas sobre os *tapuias* e seus successores *Tupys*. O poeta, cultor devotado do indianismo da litteratura brazileira, estuda os seus velhos antepassados com extremo carinho filial. Origens, usos, costumes, crenças, migrações, tudo o cantor dos *Tymbiras* interpella. Si os processos não são de todo scientificos, a facilidade das intuições e a lucidez do escriptor maranhense são taes, que o seu livro é uma leitura fortemente instructiva.

O tão illustrado, quanto modesto germanista brazileiro Dr. Th. Alves Nogueira publicou em 1865 a dissertação — *De Americanarum gentium origine*, opusculo digno de leitura.

E' impossivel neste ponto passar em silencio o nome venerando de Felippe de Martius que em 1867 deu ao publico as admiraveis *Beiträge zur Ethnographie und Sprachenkunde Ameriak's zumals Brasiliens*, cujo primeiro volume lançou as bases da ethnologia desta parte do mundo. Martius não era brazileiro; mas é facto caracteristico a publicação de suas excellentes contribuições, justamente no decennio em que iniciavamos a melhor série de nossos trabalhos neste assumpto. Si a parte linguistica em Martius é em extremo lacunosa, o que se refere á ethnographia geral é de relevante merecimento. Si D'Orbigny deu a classificação dos indigenas sul-americanos ainda hoje geralmente admittida, Martius formulou uma enumeração dos selvagens brazileiros que não foi ainda destruida totalmente, apezar de abalada num ou noutro ponto secundario.

No terreno da anthropologia paleontologica em 1871 o Dr. Carlos Rath apparecia com a — *Noticia ethnologica sobre um povo que já habitou a costa e o interior do Brazil.*

Era a iniciação do estudo dos *Sambaquis*, investigação indispensavel á nossa pré-historia.

E' quando apparece sobre a scena da sciencia brazileira a figura por cincoenta titulos sympathica de Carlos Hartt. Contractado pelo governo imperial para levantar a carta geologica do paiz, com-

mettimento scientifico de que nos julgamos indignos, tanto que o dispensamos depois de iniciado, o naturalista americano, igualmente distincto como geographo, geologista e zoologo, fez repetidas viagens ás regiões habitadas pelos indigenas brazileiros, em poucos annos apoderou-se tão intimamente da lingua selvagem, que poude affoitamente penetrar na psychologia indigena e no genio da raça extincta ou prestes a extinguir-se. Contos, mythos, intuições artisticas, tudo obedeceu ao olhar investigador do moço geologo.

Reclamo do publico a attenção para este signal vigorosamente caracteristico e só por si apto a mostrar-nos a differença entre Hartt e o Dr. Lasdiláu Netto; este ultimo não conhece quatro palavras dos dialectos brazilicos!... Para quem avalia o valor positivo da linguagem em ethnologia, esta nota é digna de ser conservada de memoria.

Desde 1872 começaram a apparecer, na imprensa do paiz e na dos Estados-Unidos, as primeiras communicações de Carlos Hartt sobre as antiguidades brazileiras e sobre a mythologia de nossos selvagens.

As primeiras escavações archeologicas realizadas no valle amazonico foram feitas por elle, ou por seus auxiliares, desde 1870.

Os primeiros trabalhos serios de archeologia brazileira datam dahi. O material accumulado por

Hartt foi parar ao Museu Nacional, cujo pessoal veiu mais tarde a contar em seu numero o professor americano. Este é o verdadeiro iniciador dos estudos mythicos e archeologicos do Brazil. No museu Hartt não ficou inactivo, tinha um certo numero de amigos e discipulos que o idolatravam. Deste numero era *primus inter pares* o professor Derby.

Hartt chamava a attenção de todos para a collecção archeologica do museu, e nos proprios *Archivos* deste instituto scientifico elle, logo no primeiro numero em 1876, escreveu um trabalho, e mais tarde outros, sobre o assumpto.

Entretanto, cá fóra proseguia o enthusiasmo pelos estudos americanos. Em 1874 o Dr. Couto de Magalhães despertava a attenção geral sobre certas particularidades do homem brazileiro com a sua memoria *Região e raças selvagens do Brazil.* Dois annos depois era novamente publicada a brochura addicionada de uma grammatica tupy e de um punhado de contos indianos. O livro tomara o titulo de — *O Selvagem.*

Em 1875 um botanista brazileiro, tão mal preparado como o Dr. Ladisláu Netto, ainda que de intelligencia muito mais activa, atirava ao mundo o celebrado opusculo — *Idolo amazonico achado no rio Amazonas.* (Pudéra não! havia de ser *amazonico* achado no *Rio da Prata!*) Bem se

vê que fallo do Sr. Barbosa Rodrigues, tão cordialmente inimigo do Sr. Ladisláu Netto.

No anno seguinte nos *Ensaios de sciencia* Barbosa proseguiu em suas publicações de archeologia amasonica. Nesse anno e naquella mesma revista appareceram os primeiros estudos de Baptista Caetano. A primeira amostra foi logo digna do pulso gigante que teve bastante força para levantar aquelle admiravel monumento linguistico que de uma vez para sempre illuminou as paginas dos *Annaes da Bibliotheca Nacional.* Eu passo por pessimista e maldizente...

Não ha tal; sou apenas inimigo intransigente da charlataneria litteraria. Onde quer que encontro o merito, sei passar inclinado ante elle.

Ninguem, como eu, dizem, tem neste paiz dado a este instrumento — a critica — uns tons tão rudes. Quero crer que assim seja, em se tratanto de umas figurinhas de tres palmos que entulham ahi a galeria litteraria.

Quando encontro um gigante não lhe applico polegadas; a medida deve ser outra: os homens de *cent coudées* medem-se ás braças. Baptista Caetano foi desta especie; Carlos Hartt igualmente foi; e eu não tenho o menor embaraço em declarar não ter para com elles reservas o meu enthusiasmo.

Lastimo não poder agora definir o conjuncto de suas idéas.

Tenho pressa de concluir este historico para fazer outras observações ao Sr. Ladisláu Netto.

Em 1876, F. Adolpho Varnhagen, a quem a sciencia brazileira já era devedora de varios artigos e communicações interessantes sobre os nossos aborigenes, publicou o seu livro das *Origens turanas dos americanos tupys carahibas*, livro phantastico, si o quizerem; mas que não o é mais do que certas exquisitices do Sr. Ladisláu Netto. Mais tarde, nosso historiador deu-nos a edição de Montoya. Para que nada faltasse, o celebre botanico Freire Allemão, naquelle anno de 1876, fez diversas publicações sobre os indigenas sob o ponto de vista medico; Gonçalves Tocantins, sob o ponto de vista archeologico e ceramico; e os Drs. Rodrigues Peixoto e Baptista de Lacerda inprimiram seu primeiro estudo de craneometria. Assim fechou-se o anno de 1876. De memoria de homem não consta que o Sr. Ladisláu Netto tenha contribuido com a mais insignificante lucubração de seu espirito. Só em 1877, no fim do anno, appareceu-nos elle com o insignificante estudo sobre os *Tembetás*, e agora oito annos depois, com as *Investigações archeologicas brazileiras*.

Não falla, pelo menos, seriamente quando faz remontar a seus esforços de 1867 o desenvolvimento nacional dos estudos americanos.

III

O escripto do Sr. Ladisláu Netto consta, disse eu, de duas partes inteiramente distinctas: a descripção do material archeologico existente no Museu Nacional e as intuições theoricas do auctor.

A' primeira ninguem irá attribuir grande valor intellectual.

Qualquer curioso habil e paciente, munido dos indispensaveis auxiliares, no longo periodo de tres annos, iria facilmente fazer aquillo.

O material tinha sido desencavado por homens como Hartt, Derby, Ferreira Penna, Rumbelsperger e outros, e por elles classificado. O director do Museu é merecedor de limitada reverencia, só por nol-o ter descripto e mandado figurar xylographicamente.

Na parte das conjecturas e intuições originaes o Sr. Ladisláu não se mostra escoimado de erros e desatinos.

Primeiramente, não será cousa para abalar céus e terra e agitar Israel e Judá dizer-lhe muito á puridade que elle não é de competencia provada em anthropologia e sciencias connexas.

Todos nós conheciamos o nosso amavel Ladisláu, moço vivo e curioso, cheio de habilidades para o desenho...

Aproveitando-o nesta especialidade, o governo imperial, por influencia do Sr. Liais, mandou-o á Europa, onde elle, trocando a arte pela sciencia, fez, ao que se diz, alguns estudos de botanica. Escreveu nesta materia duas ou tres pequenas brochuras e communicações secundarias, que valeram-lhe a nomeação para o altissimo cargo de director do primeiro estabelecimento scientifico do Brazil!... Sem haver ainda firmado definitivamente sua competencia e seu nome, por publicações sérias e decisivas, nos estudos em que o governo o mandara habilitar-se, o Sr. Ladisláu apparece-nos agora anthropologo, orientalista, semitologo e americanista, da noite para o dia.

Nada seria, si as suas *Investigações* não nos estivessem, por largas brechas, mostrando claramente o atropello em que se agita lá dentro o estimavel *savant*.

O seu longo escripto é sem methodo e disconnexo em grande parte. Vacillante em pontos secundarios, é affoito e gratuitamente affirmativo em pontos gravissimos.

Percebe-se de prompto não se haver o *scientista* patrio preparado regularmente para emprehender o seu trabalho.

Não é esta uma observação banal. A sciencia tem realisado progressos tão rapidos, sorprendentes e decisivos, até no terreno da ethnographia e es-

tudos affins, que um preparo geral bastante forte é indispensavel a quem se dispõe a entrar em seus combates. Uma triplice vantagem provém dahi: por um lado, não assistimos ao espectaculo de erros grosseiros; por outro, não passamos pelo desgosto de ver attribuir novidade a factos e noções já em via de encanecer, e, finalmente, o conhecimento das verdades provadas é um correctivo ás hypotheses disparatadas e perturbadoras.

O Sr. Ladisláu Netto não evitou nem um só destes inconvenientes. Escorrega e precipita-se tão facilmente em erros graves, em pontos aliás simplissimos de ethnographia geral, que é pena vêl-o levantar-se molestado da quéda.

E' uma prova disto o estado cahotico em que se agitam suas idéas sobre a anthropologia do velho mundo.

Elle reune cousas entre si de tôdo diversas e repellentes.

E' deste numero a insistencia em ligar, unir a China ao Egypto, como cousas similares, sinão identicas, já em idéas e instituições, já em arte, lingua e escriptura. (Pag. 454 e seguintes.)

Outras vezes mette a India e a Indo-China no meio. E' uma confusão inextricavel de raças e civilisações diversissimas, reunidas e irmanadas agora impensadamente.

A civilisação do Egypto, *mater* prodigiosa da civilisação occidental, nada tem que vêr com a extrema cultura oriental dos chins.

Sob qualquer aspecto por que se encarem os dous povos, ethnographia, linguistica, arte, religião, a differença é demasiado difficil de dissimular e esconder.

Os egypcios são os mais illustres representantes desse grupo ethnologico designado sob o nome de Chamitas, durante muitos annos considerados como simples variedade dos primitivos Semitas.

Estudos recentes tendem a independentisar o grupo chamitico do semitico. Em uma e noutra hypothese, a civilisação progressiva e brilhantissima do Egypto, parallela e em parte inspiradora das civilisações da Assyria, Babylonia, Phenicia e Grecia, não se prende á longinqua civilisação da China, nem houve jámais quem as irmanasse. Seria como identificar gregos e malaios.

Maior é ainda a confusão, si a chamitas e a chinezes ligarem-se os aryanos da India e os povos barbaros da Indo-China.

Qual o criterio para tanto? Nenhum absolutamente. Sabemos hoje que o buddhismo, religião altamente predicante e proselitista, invadiu a China, estendeu-se pela Indo-China, e attingiu longinquas ilhas da Malasia. Descobertas recentes no Cambodge revelaram-nos grandes restos de uma civili-

sação buddhista. Quanto á China, o facto é já ha muito conhecido.

Confundir, porém, os aryanos que levarám a essas paragens a fé buddhica e os povos que os escutaram, é cousa igual á confusão do padre Anchieta com um caboclo da capitania de S. Vicente...

São, portanto, viciosos os dizeres do Sr. Ladisláu, quando repetidas vezes tomam esta fórma: « A mesma idéa tem esta figura em chinez e egypcio », « como na escriptura chineza e egypcia », « com as figuras chinezas e egypcias », « de origens não sómente americanas sinão tambem egypcia e chineza », « enlaça a grande familia americana com as nações do Nilo e da Indo-China », « intimo parentesco egypcio entrelaçado com estas feições indo-chinezas »... etc., etc.

Quando vemos um homem como Heinrich Winkler levar o verdadeiro espirito seientifico ao grupo das linguas uralo-altaicas, fazer para ellas o que Leo Reinisch fez para os idiomas chamiticos, e expulsar de seu seio as intrusas, levadas para alli pela mania extravagante do *turanismo*, chinez, tibetano, birmanio, linguas americanas e outras, quando todos os progressos nestes estudos vão nos levando cada vez mais a novas differenciações, é desagradavel vir o nosso Ladisláu enchergar tudo escuro, confuso e indistincto !...

Falta-lhe a nota de seu tempo, seus processos são gastos e imprestaveis.

Não é só no velho mundo que elle baralha e confunde as cousas. Na America é semelhante a sua marcha.

Os estudos americanos seriam uma cousa frivola e condemnada a completo abandono, si depois de enormes trabalhos em todos os dominios, — linguistica, craneologia, antiguidades, mythographia, — ainda o terreno lhes fosse de todo movediço e improprio paro a edificação. Felizmente não é assim; existem certas idéas e certos factos definitivamente adquiridos. Especialmente em linguistica, os estudos de L. Adam, de Buschmann, de Tschudi, de Baptista Caetano são definitivos. O Sr. Ladisláu devia consultar as publicações norte-americanas, especialmente em anthropologia e antiguidades, para não fazer classificações erradas. Destas a mais intoleravel é a de confundir os Mayas com os Aztecas e Toltecas.

Por mais vacillante que seja o americanismo, ninguem vai hoje desconhecer a justeza de factos averiguados, sinão armado de factos mais poderosos. Ninguem vai confundir os *Brazilio-guaranys* com os *Aymaras-quichúas*, estes com os *Chibchas-muyzcas*, estes com os *Tolto-aztecas*, estes com os *Mayas-quitchés*.

Não ha um só americanista que não distinga os Mayas dos Aztecas por cem titulos diversos. O Sr. Ladisláu Netto passou por tudo, resolvido a systematisar á confusão. Si os proprios Aztecas são por muitos distinguidos dos Toltecas, apezar das affinidades das linguas, só pelos caracteres religiosos e sociaes; si Tschudi, na sua recente obra — *Organismus der Khetsua — Sprache*, contesta a identidade originaria do aymara e do quichúa, como vem o director do Museu amarrar num só bolo Mayas e Aztecas e Toltecas?

Esta confusão espalha-se por toda a extensão das *Investigações*. Ha phrases assim: «*a maior affinidade com os Toltecas, com os Mayas e com os mound-builders*» (pag. 263) «*grandes similes entre os Mayas e Aztecas*» (pag. 408). Proposições erroneas, ou pelo menos infinitamente gratuitas.

Deixemos estes reparos e penetremos no espirito geral do estudo submettido á nossa analyse.

IV

É ainda o velho e esterilisante espirito de procurar a todo custo parallelos e filiações no velho mundo para os americanos. Este esquecido residuo de orthodoxia biblica ahi ficou a perturbar as mais decisivas conquistas do americanismo.

Inaugurado no seculo XVI pelos jesuitas, nunca mais se desapegou das pesquizas da sciencia livre.

Todos os povos do velho mundo, dos cinco ou seis grupos principaes, têm sido invocados como pais dos americanos; chamitas, aryanos, semitas, uralo-altaicos, drawidianos, mongóes, todos hão sido convidados para essa paternidade mysteriosa, e nenhum tem aceitado a vergonhosa incumbencia.

O Sr. Ladisláu persiste ainda nesta velha teima, deslembrado de alguns factos bem significativos. Deste numero é por certo o seguinte: os trabalhos tentados nesse espirito não chegaram a resultado algum satisfactorio, ao passo que os inspirados da idéa adversa puderam estabelecer os poucos factos até hoje scientificamente reconhecidos do americanismo, como algumas das conclusões de Morton, Nott, Gliddon, Stephens, Squier, Mayer, Lund, Buschmann, Baptista Caetano, Rosny e L. Adam.

Aquelles que, á maneira do Sr. Ladisláu Netto, buscam á força uma filiação aos americanos no velho mundo, laboram numa terrivel contradicção intrinseca, e vem a ser procural-a ao mesmo tempo entre povos inteiramente diversos entre si.

Si no velho continente — hindús, egypcios, chins e indo-chinezes são entre si diversos, ethnologica e culturalmente, porque mysteriosa influencia se hão de identificar nas plagas do novo mundo para produzir os americanos?

Muito mais senso, neste assumpto, mostram aquelles que se apegam a um povo só, como Varnhagen com os *Carios* e Berlioux com os *Lybios* ou *Atlantes* do norte d'Africa. O nosso Ladisláu é daquelles que não se contentam com uma só origem; elle procura logo tres ou quatro...

Declara na *advertencia* serem as suas conclusões mais em favor do *monogenismo* das raças humanas do que em prol do seu *polygenismo*. Ainda se acha no acanhado terreno da velha disputa de monogenistas e polygenistas do terceiro e do quarto decennio deste seculo. Não percebeu que o transformismo evolucionista mudou as condições deste problema, insoluvel *historica e archeologicamente*.

Não vê, e isto é capital, ser-lhe a victoria da hypothese monogenista inaproveitavel; porque ella deslocaria e não resolveria o problema da co-relação dos actuaes povos da terra. Quer isto dizer que, ainda concedendo de barato a veracidade da hypothese monogenista, não estaria *ipso facto* decidida a filiação dos americanos num qualquer dos povos do velho mundo, porquanto foi tão diversa a marcha historica dos povos dos dous continentes, que a separação dos americanos do tronco commum deveria infallivelmente ter sido anterior á formação das raças actuaes em todo o globo.

Esta circumstancia é levianamente posta de

lado pelos ethnologos empiricos da categoria do Sr. Ladisláu.

Azafamados, entontecidos atraz de filiações, desconhecem os caracteres psychologicos e moraes dos povos americanos, tão differentes da indole das nações do antigo continente!

O prestigio de uma palavra os cega e com ella julgam a sciencia feita. O *monogenismo!* Sim, elle será verdadeiro; concedamos, e depois? Nada resolverá, nem na America, nem em qualquer outra parte; fornecerá quando muito á sciencia a magra idéa de um parentesco primitivo, muitas vezes milenario, das actuaes raças humanas... Tivemos uma só origem ancestral na ordem dos primatas. Segundo os que não admittem varios *reinos de apparição*, chamados *reinos de creação* por Agassiz, a evolução que produziu o homem deu-se só no velho mundo, em *Lemuria*, por exemplo. Admittamos esta ultima hypothese.

Que haverá de particular a concluir com relação aos americanos? Absolutamente nada. Poderemos concluir que sejam elles descendentes dos chins ou egypcios, como pretende o Sr. Ladisláu Netto? Nem por sombra, si o parentesco, por exemplo, entre aquelles dous povos lá no antigo mundo ninguem se lembraria de propôr...

E' que o monogenismo refere-se exclusivamente á origem primitiva e immensamente longinqua do

homem; não se refere ás raças proto-historicas, resultado complicadissimo de innumeras transformações operadas na longa noite da pre-historia.

Já se vê, pois, que, firmado sómente na idéa vaga e imprestavel da unidade de origem, poderá alguem filiar na China as oleiras de Marajó, quanto poderá filiar Pericles na Hottentotia, ou George Sand na Polynesia.

E' a mesma cousa, e é o que inconscientemente pratica o Sr. Ladisláu.

Não é que valentes protestos contra tão viciosa tendencia não tenham sido muitas e muitas vezes levantados por autores criteriosos e competentes.

Léon de Rosny, igualmente preparado no que se refere á ethnographia do extremo Oriente e no que diz respeito ao americanismo, assim se exprimiu na Sociedade Americana de França no mesmo anno em que se inaugurou aqui a decantada pilheria da Exposição Anthropologica: « A pouca animação concedida aos estudos de archeologia americana provém evidentemente da falta de critica e de methodo que caracterisa infelizmente os trabalhos de um grande numero de americanistas. Pecca a maior parte delles pela *ignorancia das linguas indigenas*, e por um desejo incrivel de chegar logo a *resultados ruidosos*. De dez autores que se occupam com os tempos pre-colombianos da historia do Novo Mundo, ha talvez oito ou nove que partem

da idéa preconcebida de tirar a America seu povoamento e sua civilisação primitiva da Asia, da Oceania, ou até da Europa e da Africa. Torturam os factos mais ou menos comprovados, entregam-se a approximações mais ou menos audaciosas; e, com taes processos, chegam a encontrar, entre os dous oceanos, os indicios de migrações chinezas ou indianas sobre a vertente dos Andes ou das Cordilheiras, e vestigios de migrações phenicias, judias ou gregas na costa oriental do Atlantico. Si são precisos monumentos esculpidos, vasos e até inscripções vêm em auxilio destas bellas theorias.

Infelizmente, semelhantes doutrinas não gozam por muito tempo dos seus primeiros triumphos, e logo é toda a gente forçada a voltar á simples noção, segundo a qual não havia na America antes de Colombo mais nada além de americanos e civilisações americanas. Os escandinavos não deixaram vestigios duradouros de sua estada; não tiveram a menor influencia no desenvolvimento moral e intellectual das populações indias. As pretendidas viagens phenicias, judias e queijandas só têm até hoje obtido logar *nas obras phantasticas e imaginarias.*

As inscripções orientaes, cuja descoberta foi tão pomposamente annunciada, e os sabios que tiveram o trabalho de occupar-se com ellas *en*

ont été pour leurs frais d'édition. A pedra semitica de *Grave-Creek* não é mais authentica do que o monumento de *Benton-Rock*, onde pretenderam ver caracteres chinezes. O mesmo se dá com todas as outras obras da arte européa attribuidas á antiguidade americana.

O bronze do Conde de Guaqui, cuja legenda é em caracteres incontestavelmente chinezes, parece testemunhar antigas relações entre a China e o Perú; porém ainda não se estabeleceu definitivamente si a curta inscripção apresentada pela legenda não foi soldada posteriormente numa outra obra da estatuaria incasica. »

Este pedaço de sensato americanismo parece ter sido escripto com endereço ao nosso Ladisláu Netto, facilmente illudido aqui ha annos atraz com a celebre *inscripção phenicia* da Parahyba, e agora com um *pratinho* que diz ter sido achado em Marajó e suppõe conter caracteres egypcios e chinezes....

Rosny, autoridade em linguas orientaes, especialmente em chinez e japonez, e americanista instruido nos antigos idiomas de Yucatan, mostra todos aquelles escrupulos; Ladisláu, um simples curioso, não recúa ante as mais extravagantes affirmações.

Prefere á sciencia séria as romarias ao acaso, patuscas e ruidosas. O americanismo é para elle

um caravanear de bedùinos vistosos; mas vagos e enganadores como as miragens dos areiaes desertos.

Tomando o seu escripto em totalidade, excepção feita dos trabalhos de xylógraphia, que lhe não pertencem, deixa-nos no espirito uma dupla impressão contradictoria: um perpetuo exagero do valor das antiguidades brazileiras, contrastado pela má applicação que dellas faz o *scientista* nacional.

O Sr. Ladisláu levanta por demais acima do positivo prestimo, como documento da mentalidade dos povos de Marajó, os ceramios daquella ilha.

Reclamo a attenção sobre este ponto, base central de suas idéas.

O exagero vem da preoccupação das filiações. Elle emprehende equiparar os louceiros do Amazonas ao que de mais distincto produziu a arte antiga entre os chins, os gregos, os egypcios, os phenicios, os etruscos, os hindús, etc.

A comparação não é um simples capitulo de historia das artes pelo systema das acareações.

E' uma tentativa filha da preoccupação de ligar os americanos a um povo qualquer do velho continente. De entre todas parece que lhe cahiram mais em graça as gentes do Nilo.

Entretanto, pontos de contacto, existentes nas producções artisticas de varios povos, nada provam

em prol da idéa de uma descendencia. Especialmente na ceramica e nas artes de desenho o facto repete-se á saciedade.

No caminho de suas comparações, o nosso autor esqueceu-se de duas cousas essenciaes: a existencia de monumentos de toda a casta, cidades, templos, palacios, estatuas, pinturas e cem outras cousas, que ahi ficaram para attestar todas ás civilisações extinctas, no Egypto, na Grecia, na Mesopotamia, na India, no Cambodge, na Phenicia, no Perú, no Yucatan, no Mexico, na Troada, na Persia, para não fallar na China, cuja civilisação existe ainda hoje toda inteira, e a inexistencia de tudo isto no Brazil! Os nossos aborigenes não tinham passado ainda da acanhada e utilitaria arte ceramica rudimentar.

Mal se comprehende como por tão pouco já os querem filiar n'alguns dos mais distinctos povos que têm honrado a humanidade...

Neste ponto ha uma consideração para mim decisiva, e que escapou completamente ao Sr. Ladisláu, porque elle não tem cultura philosophica, e é esta: o complexo das idéas de nossos aborigenes, até daquelles que fabricaram a louça de Marajó, é de caracter puramente fetichista. Isto conhece-se justamente pelo estudo da ceramica figurada nos *Archivos*.

Ora, um povo ainda naquelle primitivo estadio do pensamento, nem poderia ter todo o adiantamento que lhe suppõe o pretendido e ignorante naturalista brazileiro, nem ser equiparado a nações muito mais avançadas em cultura. Isto só por si invalida todas as conclusões do nosso Ladisláu....

Dest'arte, nem elle fortaleceu algumas das antigas hypotheses sobre a civilisação americana, nem produziu doutrina nova, capaz de fazer caminho.

V

O director do Museu Nacional em suas longas e massudissimas *Investigações* sobre a archeologia brazileira, deixando o trilho do bom senso, perdeu-se em divagações nocivas e cahiu na verbiagem facil de certo scientificismo ao alcance hoje até dos caixeiros das confeitarias....

Nesse andar de beduinismo anthropologico, elle nem formulou, como já disse, hypothese nova sobre a origem dos americanos, nem fortaleceu nenhuma das doutrinas conhecidas.

A firmal-o já é muito; mas é nada ainda, diante da necessidade imperiosa que me impõe o dever de tomar todas as sahidas a essa audaciosissima encarnação da fofice humana, que se chama Ladislau de Souza Mello e Netto.

Em vez de limitar-se a descrever o material archeologico sujeito á sua analyse, fornecendo assim aos sabios europeus subsidios para comparações futuras, Ladisláu, acoroçoado por não sei que maligno demonio, entrou a hypnotisar-nos em chinez e egypcio, como já dantes nos embasbacara em phenicio e hebraico!

E' um magico... Elle, que é incapaz de escrever vinte linhas certas em francez, ou qualquer outra lingua moderna, arrotando agora quatro idiomas orientaes difficillimos, pertencentes a tres grupos ethnographicos diversos!...

Onde e quando os estudou, e quem foram os seus mestres?

Ladisláu possúe, em seus engenhosos gatimanhos linguisticos e anthropologicos, duas categorias de auxiliares, que lhe fornecem a sciencia feitinha, tendo apenas o trabalho de a arrumar a seu modo. A primeira categoria são sabios e escriptores, especialmente daquelles que vieram ter ao Brazil e por alguma circumstancia foram parar ao Museu em um caracter qualquer.

Ladisláu destes e dos empregados da casa vai pilhando o que póde. A tal numero pertenceu Carlos Hartt, perseguido, segundo é fama, e levado ao desespero e á morte...

D'este professor ficaram notas e papeis que que em parte hão sido publicados.

De Hartt plagiou o Sr. Ladisláu Netto as melhores paginas de suas *Investigações*.

Quero fallar daquellas em que salienta o papel e a influencia da mulher no fabrico e amanho da ceramica selvagem. Carlos Hartt, com aquelle maravilhoso talento de observação e analyse, face principal de sua potente organisação scientifica, insigne talento com o qual explicou alguns dos mais intrincados problemas de nossa geologia e de nossa ethnologia, sorprendeu a acção feminil, os traços delicados das mãos da mulher na face muda e millenaria da ceramica prehistorica.

Escreveu então paginas de grande fineza psychologica sobre esse facto, determinando-o, além disso, por meio de profunda erudição (*Archivos*, VI, pag. 79 a 94). O professor americano elucidou definitivamente o ponto, e Ladisláu quiz tambem fazer a sua pequena Iliada, depois de Homero, escrevendo uma serie de banalidades, onde apenas aproveitam-se as idéas tomadas a Hartt. (Pags. 404 e seguintes). E não é só o facto da influencia da mulher que é pedido de esmola ao finado sabio de Ithaca: a descripção dos processos do fabrico da louça é tambem devorada pelo anthropologo brazileiro.

Isto não é um phenomeno simples, um desses plagiosinhos innocentes, commettidos ahi diaria-

mente por poetas e folhetinistas madraços. Não. E' a appropriação do trabalho alheio, praticada contra um homem, a principio protegido pelo governo brazileiro, e mais tarde, por miseras intrigas, atirado á margem e levado ao abatimento...

E é uma apropriação, uma *capiangagem* praticada por quem arrota ser uma grande superioridade na sciencia!... A cousa é grave, sinão para Ladisláu Netto, ao menos para o mundo inteiro.

A outra categoria de auxiliares do nosso arranjador é obscura, não deixa traços e é de difficil elucidação. Mas deve existir. A este numero ha de pertencer quem quer que lhe deu o sentido da inscripção phenicia da Parahyba, a traducção della em *hebraico* e mais sabedorias que se leem na maravilhosa *Lettre à M. Renan.*

Neste grupo filia-se tambem quem quer que lhe forneceu as notas sobre os antigos caracteres egypcios, suas comparações com os caracteres do pratinho, hypotheses doidamente empregadas nos *Archivos*. Um pouco de esforço irá talvez descobrir ahi esta gente. Da affirmação da ignorancia absoluta do director do Museu Nacional—o Sr. Ladisláu de Souza Mello e Netto — em qualquer dos ramos das linguas orientaes, tomo eu a responsabilidade historica *ex auctoritate qua fungor.* E para tanto, basta conversar com elle dez minutos.

Não é, porém, sómente a taes auxiliares que se soccorre *notre joli petit savant.*

Nas suas horas e para certas theorias elle sahe de casa e serve-lhe o primeiro livro que pega.

Neste caso acha-se a obra de E. F. Berlioux — *Les Atlantes — Histoire de l'Atlantis et de l'Atlas Primitif ou Introduction à l'Histoire de l'Europe.*

A theoria deste escriptor é que os proto-civilisadores da Europa foram os Atlantes, povos irmãos mais velhos dos Pelasgos e Etruscos. Desenvolveram sua civilisação na bacia do Mediterraneo, senhoreando especialmente o norte da Africa. Valentes, ousados guerreiros e navegadores, povoaram muitas ilhas do Atlantico ; chegaram ás Antilhas, á America, onde foram os *mound-builders* do Golfo Mexicano, do Mississipi e do Amazonas.

Já dantes tinham, sob o nome de *Lybios*, conquistado o Egypto, e por seu intermedio vieram para a America algumas praticas das margens do Nilo. E' a these de Ladisláu em todos os pontos capitaes :—identidade dos *mound-builders* do Amazonas e do Mississipi, e influencia nelles das gentes do Nilo.

Examinemos a direcção das migrações, segundo Ladisláu, e mostremos-lhe as impossibilidades.

VI

A hypothese perfilhada pelo auctor das *Investigações archeologicas* é a seguinte:

Povoada a America do Norte por povos oriundos da Asia ou da Africa, na região, comprehendida entre o Mississipi e o Missuri de um lado, e o Rio Grande e o Colorado de outro, fervilhou o grande viveiro de povos a que pertenceram os *cliff-dwellers* e os *mound-builders* e tambem os Toltecas, Aztecas e Mayas.

Dentre estes partiram colonias a devassar os mares e as terras do sul, ao longo das costas, umas, remontando o Magdalena e o Orenoco, outras.

Foi então que vieram muitas turmas de emigrantes e estabeleceram-se na região amazonica.

Aqui chegados, puzeram-se em lucta com populações locaes, dividiram-se, indo uns para o Rio da Prata e outros para as regiões andinas. Dahi provieram os incas do Perú, os oleiros de Marajó, os carahybas das Antilhas e os guaranys do Brazil e do Prata. O interessante é que os que estavam na foz do Amazonas seguiram rio acima, e os que se achavam nas cabeceiras desceram rio abaixo.

A cousa é assim: « Mas o grande rio era povoado de cabildas bravias, que pela sua superioridade numerica, sinão pela sua ferocidade,

oppunham, algumas vezes ou em alguns pontos do curso do rio, não fracos empeços ao domicilio dos invasores. Aquelles que dentre estes se viram perseguidos, não podendo regressar para as regiões donde haviam emigrado, abraçaram o só alvitre que se lhes ante-offereceu: *os que se achavam junto á foz do Amazonas* transpuzeram-o e seguiram ao longo da costa para o sul, até as regiões platinas, *ou remontaram o grande rio attingindo assim as suas cabeceiras*. Os que estavam *no curso superior, ou desceram o rio, até Marajó*, ou tomaram o Madeira, o Beni, o Purús, o Yapurá ou o Ucayali, e foram erguer assim a sua tenda de proscripção nas encostas orientaes dos Andes, ou ao sul, nas margens dos tributarios do Rio da Prata, em cujo valle, mais tarde, seus descendentes, mesclando-se aos barbaros da terra, deviam constituir numerosas, ainda que rudes e selvagens, nacionalidades. » (Pag. 417).

É este o esplendido resultado do ingentissimo esforço do Sr. Ladisláu. Uma phantasia, em pleno desaccordo com os factos e nada mais.

Uma hypothese não deve abrir lutas com factos provados, si não vem abroquelada em motivos mais poderosos. E' o que não acontece á grosseira miragem de Ladisláu Netto. Um tal ou qual parentesco entre as tribus do Mississipi e Missuri com os Aztecas e Toltecas, é facto velho na sciencia,

fundado apenas, é certo, no fragilissimo criterio linguistico. O parentesco dos actuaes *peaux-rouges*, e dos antiquissimos *mound-builders*, é um avanço gratuito diante da disparidade cultural de um lado e de outro. Identifical-os aos Mayas é ainda mais aventuroso. Ainda mais estravagante é ligal-a aos Muizcas, Quichuas e Guaranys, tão distantes entre si!...

Sabe-se como é persistente a caracteristica fundamental de uma raça. Nos seus delineamentos essenciaes não se apaga jámais.

As provas pulam-nos ahi diante dos olhos, e não é preciso lembrar mais nenhuma além da que se póde tirar do tziganos. Ha cinco ou seis mil annos, esses restos da pre-historia, naufragos de um velho mundo, atirados no meio de civilisações que nem comprehendem nem amam, vagueiam de terra em terra, em todas as zonas e entre todas as raças, sem patria, sem organisação e sem leis, e ainda não perderam sua feição propria, ainda não praticaram o sacrilegio de distinguir-se de si mesmos. O Sr. Ladisláu pretende que as gentes do Mexico e America Central, emigrando para o sul, mudassem de pelle, de costumes e modos, e se fizessem no Perú — quichúas, em Cundinamarca — muizcas, no Amazonas — marajóaras, na costa do Brazil e no Prata — guaranys, etc., etc. E isto fizeram a seu bel prazer, e mui de caso pensado!... Eis as

palavras typicas: « Explica-se assim essa maior ou menor analogia que sabemos haver sido manifestada entre os diversos povos civilisados da America do Sul com os da America Central, apezar da caracterisação de que cada grupo *se foi propositalmente revestindo, para mais depressa attingir o seu casual ou convencional individualismo.* » (Pag. 417). Proposição enorme de que não encontro ha muito a sua igual, proposição monstruosa, que só por si é capaz de dispensar-me do trabalho de analysar as idéas do Sr. Ladisláu.

Para este homem toda a acção cosmica e mesologica, e todo o impulso representativo das forças ethnicas, e todo o capital tradicional e evolutivo immobilisado e transmittido pela hereditariedade, e todas as energias inconscientes da historia, e todo esse dynamismo determinista, que bem se póde chamar a *acção reflexa* no organismo da civilisação, para este homem, para este encantadissimo *savant* tudo isto é *convencional...*

Oh! pour le coup, je somme S. M. l'Empereur de rappeller M. Ladisláu Netto au simple bon sens...

Na falta de sciencia verdadeira, vive ahi o director do Museu a illudir o publico incauto, quasi diariamente com cartinhas ou noticias elogiativas pelos jornaes, algumas dellas feitas talvez por elle mesmo....

Ora vai ao Internuncio, ora ao Mitre, ou outros quaesquer elogiadores em disponibilidade. Isto nada val, para nada presta. Fôra melhor que, estando indevidamente á frente de um grande estabelecimento scientifico do paiz, se preparasse seriamente para não cahir em esparrellas, como aquella do *machadinho de bronze* enviado de S. Paulo e sobre o qual fez cincoenta conjecturas disparatadas...

Primeiramente, é dislate inqualificavel querer fundar inducção sobre um facto só. Depois, é não menor desconchavo attribuir caracter millenario e pre-historico a objecto achado quasi á flor do sólo, quando os de Mycenas e Troya, por exemplo, acham-se a trinta e quarenta metros abaixo da superficie.

Além de tudo, dado que o machadinho fosse positivamente pre-historico, é um erro suppôr a impossibilidade de explical-o sem sahir da America. Si é verdadeiro o desconhecimento dos metaes pelas tribus brazileiras, o mesmo não se dava com outras nações do Novo-Mundo, nomeadamente o Mexico, onde o bronze em particular era de uso commum.

Em totalidade e em definitiva: A leitura dos trabalhos do Sr. Ladisláu Netto deixa a quem a faz a impressão de um espirito rombo, pesadão, mal preparado, sem sciencia technica e sem phi-

losophia, soffredor de um *egotismo* incuravel, e tanto que habita uma torre de pretenções tão ousadas, que algumas dellas teriam visos de encantamento, si não foram apenas espertezas de um *realista*, que conhece bem a sua gente e o paiz onde vive.

1886.

FIM

INDICE

I Couto de Magalhães e os selvagens brazileiros. . . 5

II Couto de Magalhães e a influencia dos selvagens no Folk-Lore brazileiro. 45

III Barbosa Rodrigues e a questão da pedra nephrite. 65

IV Theophilo Braga e o turanismo dos indigenas brazileiros 85

V Ainda Theophilo Braga e o turanismo dos indigenas brazileiros 93

VI Ladisláu Netto e a archeologia brazileira. 119

Distribuição systematica das obras do auctor

APONTAMENTOS PARA A HISTORIA DA LITTERATURA BRAZILEIRA NO SECULO XIX:

I A Philosophia no Brazil — 1878.
II A Litteratura Brazileira e a Critica Moderna — 1880.
III Ensaios de Critica Parlamentar — 1883.
IV Ethnographia Brazileira — 1888.
V Estudos de Litteratura Contemporanea — 1884.

CONTRIBUIÇÕES PARA O ESTUDO DO FOLK-LORE BRAZILEIRO:

I Cantos Populares do Brazil — 1882.
II Contos Populares do Brazil — 1883.
III Estudos sobre os Cantos e Contos Populares do Brazil — 1888.
IV Uma esperteza!... Os Cantos e Contos Populares do Brazil e o Sr. Theophilo Braga — 1887.

POESIA:

I Cantos do Fim do Seculo — 1878.
II Ultimos Harpejos — 1883.

HISTORIA LITTERARIA:

I Historia da Litteratura Brazileira — 1888.

TYP. DE G. LEUZINGER & FILHOS, OUVIDOR 81. — RIO DE JANEIRO

Rd. 2/1/70 Allan Brian Denishfield